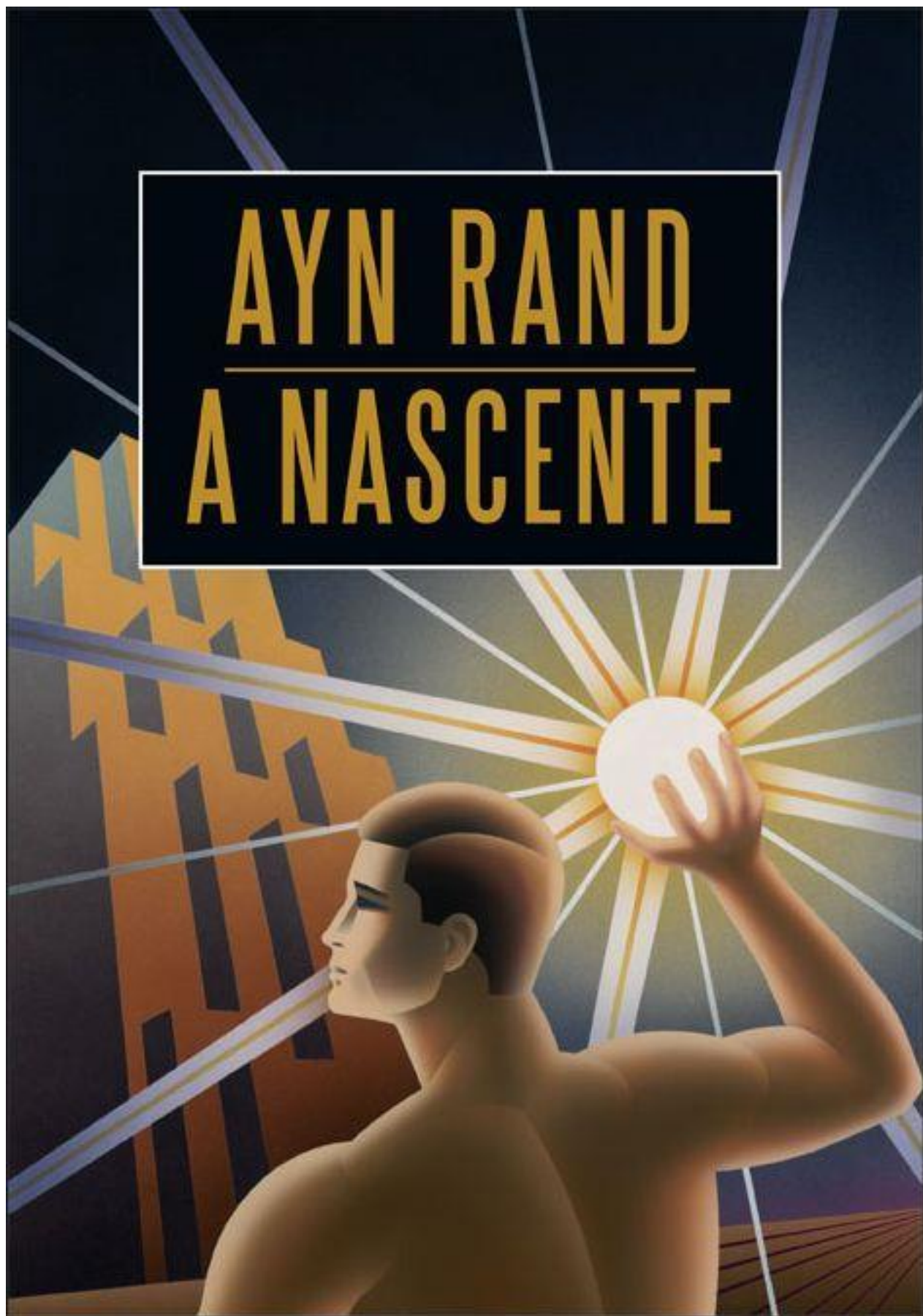


AYN RAND

A NASCENTE





A Nascente

(THE FOUNTAINHEAD)

Ayn Rand







A Nascente

(THE FOUNTAINHEAD)

Ayn Rand





Copyright © 1943 THE BOBBS-MERRILL COMPANY
Copyright © renewed 1971 by Ayn Rand

EDITOR ASSOCIADO:
Fabio L. Ribeiro

Revisão: Monalisa Neves
Marco Pace

Projeto gráfico: Daniel Rampazzo / Casa de Idéias

Diagramação: Tatiana Yamada / Casa de Idéias

Imagem da capa: By Nick Gaetano / Quent Cordair Fine Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rand, Ayn

A nascente / Ayn Rand ; [tradução: Andrea Neves
Holcberg e David Holcberg]. -- São Paulo : Editora Landscape,
2008.

Título original: The fountainhead.
ISBN 978-85-7775-060-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

08-04211

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2008

Todos os direitos reservados
Editora Landscape
Rua Ministro Nelson Hungria, 239 – cj. 10
CEP 05690-050 – São Paulo – SP
Fone / Fax (11) 3758-4422
atendimento@editoralandscape.com.br
www.editoralandscape.com.br





A Nascente

(THE FOUNTAINHEAD)

Eu ofereço minha profunda gratidão à grande profissão da arquitetura e a seus heróis, que nos deram algumas das mais elevadas expressões do gênio do Homem, mas permaneceram desconhecidos, nunca descobertos pela maioria dos homens. E aos arquitetos que me deram assistência generosa nos aspectos técnicos deste livro.

Nenhum personagem ou evento nesta história refere-se a pessoas ou eventos reais. Os títulos das colunas de jornais foram inventados e usados por mim no primeiro manuscrito deste romance. Não foram copiados e não se referem a nenhuma coluna publicada em jornais reais.

AYN RAND
10 de março de 1943







Introdução

Muitas pessoas me perguntam como eu me sinto pelo fato de *A Nascente* vir sendo publicado há 25 anos. Não posso dizer que eu sinta algo em particular, exceto um tipo de serena satisfação. Nesse aspecto, minha atitude com relação ao que escrevo é melhor descrita por uma declaração de Victor Hugo: “Se um autor escrevesse apenas para a sua época, eu teria que quebrar minha caneta e jogá-la fora”.

Certos escritores, entre os quais eu me incluo, não vivem, pensam ou escrevem impulsivamente. Romances, no sentido apropriado da palavra, não são escritos para desvanecerem em um mês ou um ano. O fato de que a maioria deles desvanece hoje em dia, e o fato de que eles são escritos e publicados como se fossem revistas, para desaparecer tão rapidamente quanto elas, é um dos aspectos mais tristes da literatura atual, e uma das indicações mais claras da filosofia estética que a domina: o Naturalismo jornalístico e concreto que agora chegou ao fim da linha nos seus inarticulados sons de pânico.

A longevidade — predominantemente, mas não exclusivamente — é a prerrogativa de uma escola literária que é virtualmente inexistente hoje em dia: o Romantismo. Este não é o lugar para uma dissertação sobre a natureza da ficção romântica, portanto deixe-me apenas dizer — para que fique registrado e para o benefício dos estudantes universitários a quem nunca foi permitido descobrir — que o Romantismo é a escola *conceitual* de arte. Ele trata, não das banalidades do dia-a-dia, mas das questões e *valores* eternos, fundamentais e universais da existência humana. Ele não registra ou fotografa; ele cria e projeta. Ele se preocupa — nas palavras de Aristóteles — não com as coisas como são, mas com as coisas como poderiam e deveriam ser.





E para o benefício daqueles que dão importância crucial à relevância para a sua própria época, eu acrescentarei que, em relação ao presente, nunca houve uma época em que os homens precisaram tão desesperadamente de uma projeção das coisas como elas deveriam ser.

Eu não quero dizer que eu já sabia, quando o escrevi, que *A Nascente* continuaria a ser publicado e vendido por 25 anos. Eu não pensei em nenhum período específico de tempo. Eu sabia apenas que era um livro que *deveria* viver. E viveu.

Mas saber disso há mais de 25 anos — saber ao mesmo tempo em que *A Nascente* estava sendo rejeitado por doze editoras, algumas das quais declararam que ele era ‘intelectual demais’, ‘controverso demais’ e que não venderia porque não havia público para ele —, *essa* foi a parte difícil de sua história; difícil de suportar. Eu menciono isso aqui para o benefício de qualquer outro escritor do meu tipo que talvez tenha que enfrentar a mesma batalha — como um lembrete do fato de que isto pode ser feito.

Eu não vou recontar aqui a história da publicação de *A Nascente*. Mas seria impossível para mim discutir esta obra ou qualquer parte de sua história sem mencionar o nome do homem que tornou possível que eu o escrevesse: meu marido, Frank O'Connor.

Em uma peça que escrevi pouco depois dos trinta anos, *Ideal*, a heroína, uma estrela de cinema, fala por mim quando diz: “Eu quero ver, real, viva, e durante as horas dos meus próprios dias, a glória que eu crio como ilusão. Eu quero que seja real. Eu quero saber que existe alguém, em algum lugar, que também o quer. Do contrário, qual é a utilidade de ver e trabalhar e se desgastar por uma visão impossível? O espírito também precisa de combustível. Ele pode secar”.

Frank foi o combustível. Ele me deu, nas horas dos meus próprios dias, a realidade desse sentido de vida que criou *A Nascente* — e ele me ajudou a mantê-lo durante muitos anos, quando não havia nada à nossa volta a não ser um deserto cinza de pessoas e eventos que evocavam somente desprezo e desgosto. A essência da ligação entre mim e ele é o fato de que nenhum de nós jamais quis ou se sentiu tentado a aceitar qualquer coisa que fosse inferior ao mundo apresentado em *A Nascente*. Nós jamais aceitaremos.

Se há em mim qualquer elemento do escritor naturalista que registra diálogos da ‘vida real’ para uso em um romance, ele foi exercido apenas em relação a Frank. Por exemplo, uma das falas mais memoráveis de *A Nascente* está no final da Parte II, quando, em resposta à pergunta de Toohey: “Por que não me diz o que pensa de mim?”, Roark responde: “Mas eu não penso em você”. Essa fala foi a resposta de Frank a um tipo diferente de pessoa, em um contexto semelhante. “Você está distribuindo pérolas sem receber em troca ao menos uma costeleta de porco”, foi o que Frank me disse, em relação à minha situação profissional. Eu dei essa fala à Dominique, no julgamento de Roark.





Eu não me senti desencorajada com frequência, e quando me senti, não durou mais que uma noite. Mas houve uma noite, enquanto eu escrevia *A Nascente*, em que senti uma indignação tão profunda com o estado das ‘coisas como são’ que parecia que eu jamais recuperaria a energia para dar mais um único passo sequer na direção das ‘coisas como deveriam ser’. Frank conversou comigo por horas naquela noite. Ele me convenceu de que não podemos abandonar o mundo para aqueles que desprezamos. Quando ele terminou, meu desânimo havia sumido, e nunca mais retornou de forma tão intensa.

Eu era contra a prática de dedicar livros a alguém; acreditava que um livro é endereçado a qualquer leitor que se prova digno dele. Mas, naquela noite, eu disse a Frank que dedicaria *A Nascente* a ele porque ele o havia salvo. E um de meus momentos mais felizes, mais ou menos dois anos depois, me foi dado pela expressão no rosto dele quando chegou em casa, um dia, e viu o manuscrito do livro, encabeçado pela página que declarava em letras frias, claras e objetivas: A Frank O'Connor.

Perguntam-me se eu mudei nesses últimos 25 anos. Não, eu sou a mesma — ainda mais do que antes. Minhas idéias mudaram? Não, minhas convicções fundamentais, minha visão da vida e do Homem nunca mudaram, em todo o tempo que posso recordar, mas meu conhecimento de suas aplicações cresceu, em abrangência e precisão. Qual é a minha avaliação atual de *A Nascente*? Eu tenho tanto orgulho dele como no dia em que terminei de escrevê-lo.

A Nascente foi escrito com o propósito de apresentar minha filosofia? Aqui, vou citar uma passagem de *The goal of my writing*, um discurso que eu fiz no Lewis and Clark College, em 1º de outubro de 1963: “Este é o propósito e o motivo pelo qual escrevo: *a projeção de um homem ideal*. A representação de um ideal ético, como meu objetivo literário final, como um fim em si mesmo — para o qual quaisquer valores didáticos, intelectuais ou filosóficos dentro do romance são apenas os meios.

Deixem-me enfatizar o seguinte: meu propósito *não* é a educação filosófica dos meus leitores... Meu propósito, causa inicial e motivação principal é a representação de Howard Roark [ou de cada herói de *Atlas Shrugged*] *como um fim em si mesmo*...

Eu escrevo — e leio — por causa da história... Meu teste básico para qualquer história é: Será que eu gostaria de conhecer essas personagens e observar esses eventos na vida real? Essa história é uma experiência que vale a pena ser vivida por si própria? O prazer de contemplar essas personagens é um fim em si mesmo?

Como o meu propósito é a apresentação de um homem ideal, eu tive que definir e mostrar as condições que o tornam possível e que sua existência requer. Uma vez que o caráter de um homem é o produto de suas premissas, eu tive que definir e apresentar os tipos de premissas e valores que criam o caráter de um homem ideal e que motivam suas ações; o que significa que eu tive de definir e





apresentar um código ético racional. Como o Homem atua entre outros homens e lida com eles, eu tive que apresentar o tipo de sistema social que torna possível a existência e o funcionamento do homem ideal – um sistema livre, produtivo e racional que exige e recompensa o melhor de cada homem, e que é, obviamente, o capitalismo *laissez-faire*.

Mas nem a política nem a moralidade nem a filosofia são fins em si mesmas, nem na vida nem na literatura. Só o Homem é um fim em si mesmo.”

Há alguma mudança substancial que eu gostaria de fazer em *A Nascente*? Não, e portanto eu deixei seu texto intocado. Quero que permaneça como foi escrito. Mas há um pequeno erro e uma sentença que pode dar a impressão errada e que eu gostaria de esclarecer, de forma que vou mencioná-los aqui.

O erro é de semântica: o uso da palavra ‘egotista’ no discurso de Roark no tribunal, quando a palavra deveria ter sido ‘egoísta’. O erro foi causado por minha confiança em um dicionário que dava definições tão enganosas dessas duas palavras que ‘egotista’ parecia se aproximar mais do significado que eu tinha em mente (*Webster’s daily use dictionary*, 1933). (Os filósofos modernos, porém, são mais culpados que os dicionaristas, no que diz respeito a esses dois termos.)

A sentença que pode dar a impressão errada faz parte do discurso de Roark: “Da mais simples necessidade até a mais complexa abstração religiosa, da roda ao arranha-céu, tudo o que somos e tudo o que temos vem de um único atributo do homem – a capacidade de sua mente racional”. Isso poderia ser mal interpretado como um endosso à religião ou a idéias religiosas. Eu me lembro de haver hesitado sobre essa sentença, quando a escrevi, e de haver decidido que o meu ateísmo e o de Roark, assim como o espírito geral do livro, estavam estabelecidos tão claramente que ninguém poderia interpretar mal, especialmente porque eu disse que abstrações religiosas são o produto da mente do Homem, não de uma revelação sobrenatural.

Mas uma questão desse tipo não pode ser deixada sem esclarecimento. Eu não me referia à religião em particular, mas à categoria especial de abstrações, a mais exaltada que, durante séculos, havia sido um monopólio quase absoluto da religião: a *ética* – não o conteúdo específico da ética religiosa, mas a ‘ética’ como abstração, o universo dos valores, o código do bem e do mal do Homem, com as conotações emocionais de elevação, enaltecimento, nobreza, reverência, grandiosidade, que pertencem ao universo dos valores do Homem, mas dos quais a religião se apropriou.

O mesmo significado e considerações estão intencionalmente presentes e são aplicáveis a outro trecho do livro, um diálogo curto entre Roark e Hopton Stoddard, que pode ser mal compreendido se isolado de seu contexto:

– Você é um homem profundamente religioso, Sr. Roark, à sua própria maneira. Eu posso ver isso em seus prédios.





— É verdade — disse Roark.”

No contexto dessa cena, porém, o significado é claro: Stoddard está se referindo à dedicação profunda de Roark a valores, ao mais elevado e ao melhor, ao ideal (veja a sua explicação sobre a natureza do proposto templo). A construção do Templo Stoddard e o subsequente julgamento tratam da questão explicitamente.

Isso me leva a uma questão mais ampla que está envolvida em cada linha de *A Nascente* e que tem de ser entendida por quem quiser entender as causas do interesse duradouro que ele desperta.

O monopólio da religião no campo da ética torna extremamente difícil comunicar o significado emocional e as conotações de uma visão de vida racional. Assim como a religião tomou conta do campo da ética, voltando a moralidade *contra* o Homem, da mesma forma ela usurpou os conceitos morais mais elevados de nossa linguagem, posicionando-os fora da Terra e fora do alcance do Homem. A ‘exaltação’ é normalmente entendida como um estado emocional evocado pela contemplação do sobrenatural. ‘Veneração’ significa a experiência emocional de lealdade e dedicação a algo mais elevado que o Homem. ‘Reverência’ significa a emoção de um respeito sagrado, que deve ser sentida de joelhos. ‘Sagrado’ significa superior e separado de qualquer interesse do Homem nessa Terra. E assim por diante.

Mas esses conceitos realmente dão nome a emoções reais, mesmo que não exista nenhuma dimensão sobrenatural; e essas emoções são vivenciadas como enaltecedoras ou enobrecedoras, sem a autodegradação exigida pelas definições religiosas. Qual é, então, a fonte ou referência desses conceitos na realidade? É todo o universo das emoções que provêm da dedicação do Homem a um ideal ético. Mas separado dos aspectos de degradação do Homem introduzidos pela religião, esse universo das emoções é deixado sem identificação, sem conceitos, palavras ou reconhecimento.

É esse nível mais alto das emoções do Homem que precisa ser resgatado das trevas do misticismo e redirecionado ao seu objeto apropriado: o Homem.

É nesse sentido, com esse significado e intenção, que eu identificaria o sentido de vida dramatizado em *A Nascente* como *veneração pelo Homem*.

É uma emoção que poucos — muito poucos — homens sentem constantemente; alguns a sentem em raras fagulhas que brilham e morrem sem conseqüências; alguns não sabem do que estou falando; alguns sabem e passam a vida como extintores de fagulhas frenéticos e virulentos.

Não confundam ‘veneração pelo Homem’ com as várias tentativas, não de resgatar a moralidade da religião e trazê-la para o campo da razão, mas de substituir os elementos mais profundamente irracionais da religião por um significado secular. Por exemplo, há todas as variantes do coletivismo moderno (comunista, fascista, nazista etc.) que preservam a ética religiosa-altruísta na sua totalidade e apenas colocam a sociedade no lugar de Deus como beneficiária da auto-imolação do Homem. Há as várias





escolas de filosofia moderna que, rejeitando a lei da identidade, proclamam que a realidade é um fluxo indeterminado regido por milagres e modelado por caprichos — não os caprichos de Deus, mas os do Homem ou os ‘da sociedade’. Esses neomísticos não têm veneração pelo Homem; eles são meramente os que secularizaram um ódio tão profundo pelo Homem quanto o ódio dos místicos assumidos que os precederam.

Uma variante mais crua do mesmo ódio é representada pelas mentalidades ‘estatísticas’ e focadas em coisas concretas que — incapazes de entender o significado da volição do Homem — declaram que o Homem não pode ser um objeto de veneração, pois nunca encontraram um espécime humano que o merecesse.

Aqueles que veneram o Homem, no meu sentido do termo, são os que vêem o potencial mais elevado do Homem e esforçam-se para realizá-lo. Os que odeiam o Homem são aqueles que vêem o Homem como uma criatura desamparada, depravada e desprezível — e lutam para jamais deixá-lo descobrir que não é assim. É importante lembrar aqui que o único conhecimento direto e introspectivo do Homem que qualquer um possui é apenas o de si próprio.

Mais especificamente, a divisão essencial entre esses dois campos é: aqueles dedicados à *exaltação* da auto-estima do Homem e à *santidade* de sua felicidade na Terra — e aqueles determinados a não permitir que qualquer um dos dois possa existir. A maioria da humanidade passa a vida e gasta a sua energia psicológica no meio, balançando entre esses dois, lutando para não permitir que a questão receba um nome. Isso não muda a natureza da questão.

Talvez a melhor maneira de comunicar o sentido de vida de *A Nascente* seja através da citação que encabeçou meu manuscrito, mas que eu removi da versão final do livro que foi publicada. Com essa oportunidade de explicar esse fato, fico contente de trazê-la de volta.

Eu a removi por causa da minha profunda discordância com a filosofia do seu autor, Friedrich Nietzsche. Filosoficamente, Nietzsche é um místico e um irracionalista. Sua metafísica consiste de um universo ‘byroniano’ e misticamente malévolo; sua epistemologia subordina a razão à ‘vontade’, ou ao sentimento, ou ao sangue, ou às virtudes de caráter inatas. Mas, como poeta, ele projeta, às vezes (não consistentemente), um sentimento magnífico pela grandeza do Homem, expresso em termos emocionais, não intelectuais.

Isso é especialmente verdadeiro no caso da citação que escolhi. Eu não poderia endossar seu significado literal: ela proclama um princípio indefensável — o do determinismo psicológico. Mas se a considerarmos como uma projeção poética de uma experiência emocional (e se, intelectualmente, substituirmos o conceito de uma ‘certeza fundamental’ inata pelo conceito de uma ‘premissa básica’ adquirida), a citação comunica um estado interior de auto-estima exaltada — e sintetiza as conseqüências emocionais para as quais *A Nascente* fornece a base racional e filosófica:





“Não são as obras, mas a *crença* que é aqui decisiva e determina a ordem de hierarquia — para empregar uma vez mais uma fórmula religiosa antiga com um significado novo e mais profundo —, é uma certeza fundamental que a alma nobre tem sobre si mesma, algo que não é para ser procurado, não é para ser encontrado, e talvez, também, não é para ser perdido. — *A alma nobre tem reverência por si mesma.*” (Friedrich Nietzsche, *Além do bem e do mal*.)

Essa visão do Homem raramente foi expressa na história da humanidade. Hoje, ela é virtualmente inexistente. Entretanto, essa é a visão com que — em vários graus de desejo, avidez, paixão e confusão agonizante — os melhores da juventude da humanidade começam a vida. Não chega nem a ser uma visão, para a maioria deles, mas uma percepção indefinida, nebulosa, tateante, composta por uma dor crua e uma felicidade incomunicável. É um senso de enorme expectativa, a percepção de que a nossa própria vida é importante, que grandes conquistas estão ao alcance da nossa própria capacidade, e que grandes coisas estão por vir.

Não é da natureza do Homem — nem de nenhuma entidade viva — começar já desistindo, cuspidando na própria cara e amaldiçoando a existência; isso requer um processo de corrupção cuja rapidez varia de homem para homem. Alguns desistem ao primeiro toque de pressão; alguns se vendem; alguns definham através de graus imperceptíveis e perdem sua chama, jamais sabendo quando ou como a perderam. E então todos eles desaparecem no vasto pântano dos mais velhos, que lhes dizem persistentemente que a maturidade consiste em abandonar a própria mente; a segurança, em abandonar os próprios valores; a praticidade, em perder a auto-estima. Porém alguns poucos resistem e seguem adiante, sabendo que a sua chama não deve ser traída, aprendendo a dar-lhe forma, propósito e realidade. Mas qualquer que seja seu futuro, no nascer de suas vidas, as pessoas buscam uma visão nobre da natureza do Homem e do potencial da vida.

É difícil encontrar as poucas placas que existem indicando o caminho. A *Nascente* é uma delas.

Essa é uma das principais razões por trás do duradouro interesse que *A Nascente* desperta: ele é uma confirmação do espírito da juventude, proclamando a glória do Homem, mostrando o quanto é possível.

Não importa que apenas alguns em cada geração entenderão e alcançarão a realidade total da estatura apropriada ao Homem — e que o resto a trairá. São esses poucos que movem o mundo e dão à vida seu significado — e é a esses poucos que eu sempre procurei me dirigir. O resto não me diz respeito; não é a mim ou *A Nascente* que eles trairão: é às suas próprias almas.

AYN RAND

Nova York, maio de 1968.







Parte 1

PETER KEATING







1

HOWARD ROARK RIU.

Ele estava nu, parado à beira do penhasco. O lago se estendia muito abaixo. Uma explosão congelada de granito se projetava rumo ao céu, sobre a água imóvel. A água parecia imutável; a pedra, fluida. A pedra possuía a imobilidade de um breve instante na batalha, quando ímpetos opostos se confrontam e as forças mantêm-se suspensas em uma pausa mais dinâmica que o próprio movimento. A pedra brilhava, úmida com os raios de sol.

O lago abaixo era apenas um fino anel de aço que cortava as rochas ao meio. As rochas submergiam nas profundezas, imutáveis. Começavam e terminavam no céu, de modo que o mundo parecia suspenso no espaço, uma ilha flutuando no vazio, ancorada aos pés do homem no penhasco.

Seu corpo apoiava-se contra o céu. Era um corpo de linhas longas e ângulos retos, suas curvas delineadas em uma série de planos. Ele estava em pé, rígido, as mãos soltas ao lado do corpo, as palmas voltadas para a frente. Sentia seus ombros estendidos para trás, a curva de seu pescoço e o peso do sangue em suas mãos. Sentia o vento soprando em suas costas. O vento balançava seus cabelos contra o céu. Ele não era loiro nem ruivo; seus cabelos tinham exatamente a cor da casca de uma laranja madura.

Ele ria do que lhe havia acontecido naquela manhã e do que estava por acontecer.

Sabia que os dias por vir seriam difíceis. Havia questões a serem enfrentadas e um plano de ação a ser traçado. Ele sabia que deveria pensar a respeito. Sabia também que não iria pensar, porque tudo já estava claro para ele, porque o plano de ação fora traçado há muito tempo e porque ele queria rir.





Tentou pensar, mas esqueceu-se. Estava olhando para o granito.

Parou de rir quando seus olhos se fixaram e perceberam a terra ao seu redor. Seu rosto era como uma lei da natureza, algo que não se pode questionar ou alterar, indiferente a quaisquer súplicas. Possuía maçãs do rosto salientes em uma face magra; olhos cinza, frios e firmes; uma boca insolente, firmemente selada, como a de um executor ou de um santo.

Ele olhou para o granito: para ser cortado, pensou, e transformado em paredes. Olhou para uma árvore: para ser serrada e transformada em tábuas. Olhou para um veio de ferrugem na rocha e pensou no minério de ferro no subsolo: para ser derretido e emergir como colunas contra o céu.

Estas pedras, pensou, estão aqui para me servir. Elas esperam a broca, a dinamite e o meu comando; esperam renascer, após serem cortadas, talhadas, malhadas; esperam pela forma que minhas mãos lhes darão.

Ele sacudiu a cabeça, porque se lembrou daquela manhã e de que havia muito a ser feito. Aproximou-se da beirada, ergueu os braços e mergulhou no céu abaixo.

Nadou em linha reta, cruzando o lago até a margem à sua frente, e alcançou as pedras onde havia deixado suas roupas. Olhou à sua volta com pesar. Durante três anos, desde que se mudara para Stanton, ele vinha a esse lugar para desfrutar de sua única forma de relaxamento, para nadar, descansar, pensar, estar só e vivo, sempre que dispunha de uma hora livre, o que não acontecia com frequência. Em sua nova liberdade, a primeira coisa que quis fazer foi vir aqui, porque sabia que viria pela última vez. Naquela manhã ele havia sido expulso da Escola de Arquitetura do Instituto de Tecnologia de Stanton.

Vestiu suas roupas: uma velha calça jeans, sandálias, uma camisa de mangas curtas em que faltavam quase todos os botões. Saltou para a trilha estreita entre os rochedos, que levava a um caminho através de uma encosta verdejante e acabava na estrada abaixo.

Caminhava rapidamente, com uma destreza de movimento livre e relaxada. Andava pela estrada, sob o sol. Bem adiante, espalhada ao longo da costa de Massachusetts, ficava a cidadezinha de Stanton, cenário da sua jóia: o grande instituto que jazia na colina à distância.

O município de Stanton começava em um depósito de lixo. Da grama erguia-se um monte de entulho cinza, do qual saía uma fumaça fina. Latas de alumínio brilhavam ao sol. Passando as primeiras casas, a estrada levava a uma igreja. Era um monumento gótico de ripas de madeira pintadas de azul. Possuía grossas escoras de madeira que não sustentavam nada. As janelas eram de vitral com ornamentos pesados que imitavam pedra. A igreja abria o caminho para ruas compridas ladeadas de gramados austeros criados por exibicionistas. Atrás dos gramados erguiam-se pilhas de madeira cuja forma sugeria um processo de tortura: esmagadas sob telhados enormes inclinados,





suas esquadrias e vigas deformadas, suas varandas protuberantes. Cortinas brancas fluíam nas janelas. Ao lado de uma porta lateral, uma lata cheia de lixo transbordava. Um velho pequinês estava sentado em uma almofada perto de uma porta, babando. Entre as colunas de uma varanda, um varal de fraldas balançava ao vento.

Quando Howard Roark passava, as pessoas viravam-se para olhar para ele. Alguns continuavam olhando, com um súbito ressentimento. Não podiam dar uma razão para isso, era um instinto que a presença dele despertava na maioria das pessoas. Howard Roark não via ninguém. Para ele, as ruas estavam desertas. Poderia andar nu, totalmente despreocupado.

Ele atravessou o coração de Stanton, um vasto gramado cercado por vitrines de lojas. As vitrines anunciavam em placas novas: “BEM-VINDOS CONVIDADOS DA TURMA DE 1922! BOA SORTE TURMA DE 1922!” A formatura da turma de 1922 do Instituto de Tecnologia de Stanton estava marcada para aquela tarde.

Roark entrou em uma rua lateral. À sua frente, ao final de uma longa fileira de casas, sobre uma colina verde, estava a casa da Sra. Keating. Ele havia se hospedado lá durante três anos.

A Sra. Keating estava na varanda, alimentando um casal de canários em uma gaiola suspensa sobre o parapeito. Sua pequena mão rechonchuda parou no ar quando o viu. Ela olhou para ele com curiosidade. Tentou contrair os lábios para expressar a simpatia apropriada, mas só conseguiu revelar que a tentativa era um esforço.

Ele estava atravessando a varanda sem notar a presença dela, quando ela o deteve.

— Sr. Roark!

— Sim?

— Sr. Roark, sinto muito pelo... — ela hesitou, cautelosa — pelo que aconteceu hoje de manhã.

— O quê?

— Você ter sido expulso do Instituto. Não tenho palavras para descrever o quanto eu lamento. Eu só queria que você soubesse que sinto muito.

Ele ficou olhando para ela. Ela sabia que ele não a estava vendo. Não, pensou ela, não era bem isso. Ele sempre olhava diretamente para as pessoas e seus malditos olhos não deixavam passar nada, só que ele fazia as pessoas se sentirem como se não existissem. Ele apenas continuou olhando. Não respondeu nada.

— Eu costumo dizer — continuou ela — que se alguém sofre neste mundo, é devido a um erro. É claro que agora você terá que desistir da profissão de arquiteto, não é mesmo? Mas um jovem sempre pode ganhar a vida trabalhando em um escritório ou em vendas, ou em algo assim.

Ele virou-se para continuar andando.

— Ah, Sr. Roark! — ela chamou.

— Sim?

— O reitor lhe telefonou quando você estava fora.





Pelo menos desta vez, ela esperava que ele demonstrasse alguma emoção. Vê-lo revelar uma emoção seria o equivalente a vê-lo derrotado. Ela não sabia o que ele tinha que sempre a fizera querer vê-lo derrotado.

— Sim? — perguntou ele.

— O reitor — repetiu ela, incerta, tentando recuperar o efeito. — O próprio reitor, através de sua secretária.

— E?

— Ela me mandou lhe dizer que o reitor queria vê-lo assim que você chegasse.

— Obrigado.

— O que você acha que ele pode querer *agora*?

— Não sei.

Ele disse: 'Não sei'. Ela ouviu nitidamente: 'Eu não estou nem aí'. Ela olhou para ele, incrédula.

— A propósito — disse ela, sem aparentar relevância —, o Petey se forma hoje.

— Hoje? Ah, sim.

— É um grande dia para mim. Só de pensar no quanto economizei e me esforcei para pagar os estudos do meu menino. Não que eu esteja me queixando. Eu não me queixo. O Petey é um rapaz brilhante.

Ela estava empertigada. Seu corpo gordo e pequeno estava tão apertado pelo vestido de algodão engomado que a sua gordura parecia estar sendo espremida para os pulsos e tornozelos.

— É claro — continuou rapidamente, ansiosa por prosseguir em seu assunto favorito —, eu não sou de me gabar. Algumas mães têm sorte, outras não. Estamos todos em nosso devido lugar. Apenas observe o Petey daqui para a frente. Eu não quero que meu filho se mate de trabalhar e agradecerei ao Senhor por qualquer pequeno sucesso que venha a seu encontro. Mas se esse menino não for o maior arquiteto dos Estados Unidos, sua mãe vai querer saber por quê!

Ele já estava entrando.

— Mas o que estou fazendo, tagarelando dessa forma? — ela exclamou, animadamente. — Você tem que trocar de roupa depressa e sair correndo. O reitor está esperando.

Seu olhar seguiu-o através da porta da varanda, observando a figura magra dele atravessando sua sala de visitas austeramente arrumada. Ele sempre a fazia sentir-se pouco à vontade em casa, com uma vaga sensação de apreensão, como se ela esperasse que ele fosse atacar subitamente e quebrar suas mesinhas, seus vasos chineses, seus porta-retratos. Ele nunca havia demonstrado nenhuma disposição para fazer tal coisa, mas ela continuava esperando que fizesse, sem saber por quê.

Roark subiu as escadas e foi para o seu quarto. Era um quarto grande e quase vazio, iluminado pelo brilho límpido das paredes caiadas. A Sra. Keating nunca tivera a sensação de que Roark realmente morava ali. Ele não havia acrescentado um único objeto à mobília estritamente necessária fornecida por ela; nenhum quadro,





nenhuma flâmula, nenhum toque humano animador. Ele não havia trazido nada ao quarto, exceto suas roupas e seus desenhos; havia poucas roupas e desenhos demais; eles estavam arrumados em uma pilha alta, em um canto. Às vezes ela pensava que eram os desenhos que moravam ali, não o homem.

Roark caminhou até os projetos que desenhara. Eram as primeiras coisas a serem empacotadas. Ele pegou um deles, depois o próximo, em seguida mais um. Ficou parado, olhando as folhas de papel largas.

Eram esboços de prédios que nunca haviam sido erguidos na face da Terra. Eles eram como as primeiras casas construídas pelo primeiro homem que nasceu, que nunca havia ouvido falar de outros que tivessem construído antes dele. Não havia nada a dizer sobre eles, exceto que cada estrutura era, inevitavelmente, o que tinha de ser. Era evidente que não eram o resultado do trabalho de um desenhista que houvesse se sentado diante delas, ponderando cuidadosamente, reunindo portas, janelas e colunas, de acordo com os ditames de seus caprichos e com as orientações dos livros. Os prédios pareciam haver brotado da terra e de alguma força viva, completos, inalteravelmente corretos. A mão que havia traçado a lápis as linhas precisas ainda tinha muito a aprender, mas nenhum traço parecia supérfluo, nenhum plano necessário estava faltando. As estruturas eram austeras e simples, até se olhar para elas e perceber o trabalho, a complexidade de método, a concentração mental que haviam alcançado tal simplicidade. Nenhuma lei havia ditado um único detalhe. Os prédios não eram clássicos, não eram góticos, não eram renascentistas. Eram apenas Howard Roark.

Ele se deteve, olhando para um esboço. Era um que nunca o satisfizera. Ele o havia desenhado como um exercício que propôs para si mesmo, além das tarefas do curso. Fazia isso com frequência, quando deparava com algum local em particular e tentava determinar que tipo de construção deveria ocupá-lo. Passara passado noites olhando para esse esboço, perguntando-se o que havia deixado passar. Ao olhar para ele agora, despreparado, percebeu o erro que cometera.

Atirou o esboço sobre a mesa e debruçou-se sobre ele, traçando linhas através de seu cuidadoso desenho. Parava de vez em quando para olhar para ele, as pontas de seus dedos pressionando o papel, como se suas mãos sustentassem o prédio. Suas mãos tinham dedos longos, veias grossas, as articulações e os ossos dos pulsos salientes.

Uma hora depois, ouviu uma batida em sua porta.

— Entre! — disse bruscamente, sem interromper o trabalho.

— Sr. Roark! — exclamou a Sra. Keating, olhando para ele da porta. — Mas o que é que você está fazendo?

Ele se virou e olhou para ela, tentando se lembrar quem ela era.

— E o reitor? — gemeu ela. — O reitor que está esperando por você?

— Ah. — disse Roark. — Ah, sim. Eu me esqueci.

— Você... *se esqueceu?*

— Sim — havia um tom de surpresa em sua voz, espantado com o espanto dela.





— Bem, só posso dizer — exclamou ela — que é bem feito para você! Bem feito. Com a formatura começando às quatro e meia, como espera que ele tenha tempo para recebê-lo?

— Eu vou agora mesmo, Sra. Keating.

Ela não havia agido somente por curiosidade, mas também por um temor secreto de que a sentença do Conselho pudesse ser revogada. Ele foi ao banheiro no final do corredor. Ela o observou lavando as mãos, atirando o cabelo rebelde e liso para trás, dando-lhe uma aparência mais arrumada. Saiu do banheiro e estava a caminho das escadas quando ela percebeu que ele já estava de saída.

— Sr. Roark! — ela falou, ofegante, apontando para as roupas dele. — Você vai *assim*?

— E por que não iria?

— Mas é o seu *reitor*!

— Não é mais, Sra. Keating.

Ela pensou, horrorizada, que ele havia dito isso como se estivesse, de fato, feliz.

O Instituto de Tecnologia de Stanton ficava em uma colina. Suas muralhas altas e ornadas com ameias formavam uma coroa sobre a cidade que se estendia abaixo. Assemelhava-se a uma fortaleza medieval, com uma catedral gótica encravada em sua barriga. A fortaleza era notavelmente apropriada ao seu propósito, com paredes resistentes feitas de tijolos, algumas aberturas largas o suficiente para abrigar sentinelas, baluartes atrás dos quais poderiam esconder-se arqueiros defensores, e torres nos cantos, das quais óleo fervente poderia ser derramado sobre atacantes — caso tal emergência surgisse em uma academia de ensino. A catedral erguia-se acima da fortaleza, esplendorosa, uma defesa frágil contra dois grandes inimigos: a luz e o ar.

O escritório do reitor parecia uma capela submersa em um crepúsculo tênue, que entrava por uma janela alta de vitrais. A luz do crepúsculo fluía através das vestes de santos rígidos, seus braços contorcidos na altura dos cotovelos. Um ponto de luz vermelha e outro de luz roxa incidiam, respectivamente, sobre duas gárgulas genuínas que flanqueavam uma lareira nunca antes usada. Pendurada sobre a lareira, com um ponto de luz verde no meio, estava uma pintura do Parthenon.

Quando Roark entrou no escritório, o contorno do vulto do reitor pairava indistintamente atrás de sua escrivaninha, esculpida como um confessionário. Era um senhor baixo e gorducho, cuja banha em expansão era contida por uma dignidade indomável.

— Ah, sim, Roark — disse ele, sorrindo. — Sente-se, por favor.

Roark sentou-se. O reitor cruzou os dedos sobre a barriga, pronto para ouvir a súplica esperada. Não se ouviu nenhuma súplica. O reitor pigarreou.

— É desnecessário que eu expresse o quanto sinto pelo acontecimento infeliz de hoje de manhã — começou ele —, já que tenho certeza de que você sempre soube de meu sincero interesse por seu bem-estar.

— Totalmente desnecessário — disse Roark.





O reitor olhou para ele, incerto, mas continuou:

— Nem preciso dizer que eu não votei contra você. Eu me abstive completamente. Porém, talvez você fique feliz ao saber que contou com alguns defensores muito obstinados na reunião. Um grupo pequeno, mas obstinado. Seu professor de engenharia estrutural agiu como um guerreiro em sua defesa. Seu professor de matemática também. Infelizmente, aqueles que julgaram ser seu dever votar pela sua expulsão estavam em número bem superior. O professor Peterkin, seu crítico de design, deu importância especial à questão. Chegou ao ponto de ameaçar-nos com sua demissão, caso você não fosse expulso. Você deve perceber que provocou excessivamente o professor Peterkin.

— Eu percebo.

— Veja, esse foi o problema. Estou falando de sua atitude em relação à matéria de design arquitetônico. Você nunca lhe deu a atenção que merecia. Entretanto, tem sido excelente em todas as matérias de engenharia. É claro, ninguém nega a importância da engenharia estrutural para um futuro arquiteto, mas por que levar as coisas a extremos? Por que descuidar-se do que pode ser considerado como o lado artístico e inspirador de sua profissão e concentrar-se em todas aquelas matérias cruas, técnicas e matemáticas? Sua intenção era se tornar arquiteto, não engenheiro civil.

— Isto não é supérfluo? — perguntou Roark. — É passado. Não há motivo para discutir minha escolha de matérias agora.

— Estou me esforçando para ajudar, Roark. Você deve ser justo sobre essa questão. Não pode dizer que não recebeu muitos avisos antes de isso acontecer.

— Recebi.

O reitor se ajeitou em sua cadeira. Roark deixava-o pouco à vontade. Os olhos de Roark estavam fixados nele, educadamente. O reitor pensou: *Não há nada de errado com a forma como ele está me olhando. Na verdade, é bastante correta, com uma atenção muito apropriada. Mas é como se eu não estivesse aqui.*

— Cada tarefa que lhe foi dada — prosseguiu o reitor —, cada projeto que teve de desenhar... O que foi que você fez? Cada um deles feito daquele — bem, não posso chamar aquilo de estilo — daquele seu jeito inacreditável. É contrário a todos os princípios que tentamos lhe ensinar, contrário a todos os precedentes estabelecidos e a todas as tradições da Arte. Talvez você pense que é um modernista, como costumam chamar, mas não é nem isso. É... é pura insanidade, se você não se importa.

— Eu não me importo.

— Quando você recebia um projeto que deixava a escolha do estilo a seu critério e apresentava uma de suas surpresas selvagens... bem, francamente, seus professores deixavam-no passar porque não sabiam como julgar seus projetos. Mas, quando recebia um exercício de estilos históricos, como projetar uma capela Tudor ou uma casa de ópera francesa, e você apresentava algo parecido com um





monte de caixas empilhadas, sem estilo ou razão, você diria que o seu projeto era a resolução de uma tarefa, ou pura insubordinação?

– Era insubordinação – disse Roark.

– Nós queríamos lhe dar uma chance, diante de seu histórico brilhante em todas as outras matérias. Mas quando você entregou isto – o reitor esmurrou uma folha aberta diante dele – isto, representando uma vila renascentista, como seu projeto de final de ano, francamente, rapaz, você passou do limite!

A folha continha um desenho – uma casa de vidro e concreto. No canto, havia uma assinatura precisa e angular: Howard Roark.

– Como você espera passar de ano depois disso?

– Eu não espero.

– Você não nos deixou nenhuma escolha. Naturalmente, deve se sentir amargurado conosco neste momento, mas...

– Não sinto nada disso – Roark disse, tranqüilamente. – Eu lhe devo um pedido de desculpas. Não costumo deixar que as coisas aconteçam comigo. Cometi um erro desta vez. Eu não deveria ter esperado que vocês me expulsassem, já deveria ter ido embora há muito tempo.

– Vamos, vamos, não fique desanimado. Essa não é a atitude certa a tomar, especialmente diante do que vou lhe dizer.

O reitor sorriu e inclinou-se para a frente amistosamente, desfrutando o prelúdio de uma boa ação.

– Este é o verdadeiro propósito desta entrevista. Eu estava ansioso para lhe contar o quanto antes. Não queria deixá-lo desmotivado. Eu, pessoalmente, me arrisquei a enfrentar a ira do presidente quando mencionei isto para ele, mas... É bom você saber que ele não se comprometeu, mas... A situação é a seguinte: agora que percebe como seu problema é sério, se você sair por um ano para descansar, para pensar – deveríamos dizer, para amadurecer? – pode haver uma chance de nós o aceitarmos de volta. Olhe, eu não posso prometer nada, isto é estritamente extra-oficial, seria extremamente fora do comum, mas diante das circunstâncias e de seu histórico brilhante, pode haver uma chance muito boa.

Roark sorriu. Não era um sorriso feliz, nem agradecido. Era um sorriso simples, relaxado e entretido.

– Eu acho que você não me entendeu – disse Roark. – O que o fez supor que eu quero voltar?

– Mas...

– Eu não vou voltar. Não tenho mais nada a aprender aqui.

– Eu não entendo você – disse o reitor, severamente.

– Há alguma razão para explicar? Já não é de nenhum interesse para você.

– Por favor, explique-se.





— Se é isso que você quer... Eu quero ser arquiteto, não arqueólogo. Não vejo nenhum propósito em criar vilas renascentistas. Para que aprender a desenhá-las, se nunca vou construí-las?

— Meu caro rapaz, o grande estilo renascentista está longe de estar morto. Casas nesse estilo são construídas todos os dias.

— São. E sempre serão. Mas não por mim.

— Por favor, isso é infantil.

— Eu vim aqui para aprender a construir. Quando me foi dado um projeto, seu único valor para mim era aprender a executá-lo como eu executaria um projeto real no futuro. Eu os fiz do jeito que irei construí-los. Eu aprendi tudo que poderia aprender aqui, nas matérias estruturais que você tanto desaprova. Mais um ano desenhando cartões-postais italianos não me serviria para nada.

Uma hora antes, o reitor havia desejado que essa entrevista corresse o mais calmamente possível. Agora ele desejava que Roark demonstrasse alguma emoção. Não parecia natural que ele estivesse tão tranqüilamente natural nessas circunstâncias.

— Você está querendo me dizer que está pensando seriamente em construir *nessa forma*, quando e se você se tornar um arquiteto?

— Sim.

— Meu caro rapaz, quem vai deixá-lo fazer isso?

— A questão não é essa. A questão é: quem vai me impedir?

— Olhe, isso é sério. Eu lamento não ter tido uma conversa longa e honesta com você há muito tempo... Eu sei, eu sei, eu sei, não me interrompa. Você viu um ou dois prédios modernistas que lhe deram idéias. Mas não percebe que todo esse chamado movimento modernista não passa de um modismo passageiro? Você deve aprender a compreender — e já foi provado por todas as autoridades — que tudo o que é bonito em arquitetura já foi feito. Há uma mina de riquezas em todos os estilos do passado. Nós podemos apenas escolher entre os grandes mestres. Quem somos nós para melhorar o que eles fizeram? Só nos resta tentar, respeitosamente, imitá-los.

— Por quê? — perguntou Howard Roark.

Não, pensou o reitor, não, ele não disse mais nada além disso. É uma frase perfeitamente inocente; ele não está me ameaçando.

— Mas é óbvio! — exclamou o reitor.

— Olhe — disse Roark, calmamente, e apontou para a janela. — Está vendo o *campus* e a cidade? Vê quantos homens moram e andam por lá? Bem, eu não ligo a mínima para o que qualquer um deles pensa, ou para o que todos eles pensam sobre arquitetura — ou sobre qualquer outra coisa. Por que eu deveria ligar para o que os avós deles pensavam?

— Essa é a nossa tradição sagrada.

— Por quê?





— Pelo amor de Deus, quer parar de ser tão ingênuo?
— Mas eu não entendo. Por que você quer que eu ache que *isso* é excelente arquitetura? — Apontou para o quadro do Parthenon.

— *Isso* — disse o reitor — é o Parthenon.

— Pois é.

— Eu não tenho tempo a perder com perguntas bobas.

— Está bem, então — Roark levantou-se, pegou uma régua comprida na escrivaninha e andou até o quadro. — Posso lhe dizer o que não presta nele?

— É o *Parthenon*! — disse o reitor.

— Sim, maldição, o *Parthenon*!

A régua bateu no vidro do quadro.

— Olhe — Roark disse —, as famosas caneluras das famosas colunas. Por que estão ali? Para esconder as junções de madeira, quando as colunas eram feitas de madeira; só que essas são de mármore. Os tríglifos, o que são? *Madeira*. Vigas de madeira, da forma como tinham de ser colocadas quando começaram a construir casebres de madeira. Os seus gregos usaram mármore para fazer cópias de suas estruturas de madeira, porque outros tinham construído dessa forma. Depois vieram os seus mestres renascentistas e fizeram cópias em reboco das cópias em mármore das cópias em madeira. Por quê?

O reitor permaneceu sentado, observando-o com curiosidade. Algo o confundia, não nas palavras, mas na forma como Roark as dizia.

— Regras? — disse Roark. — Estas são as minhas regras: o que pode ser feito com uma substância nunca deve ser feito com outra. Não existem dois materiais idênticos. Não existem dois locais iguais na Terra. Não existem dois prédios com o mesmo propósito. O propósito, o local e o material determinam a forma. Nada pode ser lógico ou belo, a menos que seja feito a partir de uma idéia central, e é a idéia que determina cada detalhe. Um prédio é algo vivo, como um homem. Sua integridade é seguir sua própria verdade, seu único tema, e servir seu próprio e único propósito. Assim como um homem não toma emprestados pedaços de seu corpo, um prédio não toma emprestadas partes de sua alma. Seu criador lhe dá a alma e lhe dá cada parede, janela e escadaria para expressá-la.

— Mas todas as formas de expressão apropriadas foram descobertas muito tempo atrás.

— Expressão... do quê? O *Parthenon* não servia ao mesmo propósito de seu ancestral de madeira. Um terminal de aeroporto não serve ao mesmo propósito do *Parthenon*. Cada forma tem seu próprio significado. Cada homem cria seu significado, sua forma e seu objetivo. Por que é tão importante o que os outros fizeram? Por que se torna sagrado pelo mero fato de não ter sido feito por você? Por que qualquer um está certo, desde que não seja você? Por que todos estão certos, menos você? Por que a quantidade desses outros suplanta a verdade? Por que a verdade se





torna uma mera questão de aritmética e, pior ainda, somente uma questão de adição? Por que distorcem o sentido de cada coisa para que se encaixe no resto? Tem de haver uma razão. Eu não sei. Nunca soube. Eu queria entender.

— Pelo amor de Deus — disse o reitor. — Sente-se... Assim é melhor... Você se importaria muito de largar essa régua? Obrigado... Agora, escute. Ninguém nunca negou a importância da técnica moderna para um arquiteto. Devemos aprender a adaptar a beleza do passado às necessidades do presente. A voz do passado é a voz do povo. Nada em arquitetura jamais foi inventado por um único homem. O processo criativo tem que ser lento, gradual, anônimo, coletivo; é um processo no qual cada homem colabora com todos os outros e se submete aos padrões da maioria.

— Mas veja — disse Roark calmamente —, eu tenho, talvez, mais sessenta anos de vida. Vou passar a maior parte desse tempo trabalhando. Eu escolhi o trabalho que quero fazer. Se ele não me der nenhuma alegria, estarei me condenando a sessenta anos de tortura. E eu só posso encontrar alegria em meu trabalho se o fizer da melhor forma possível para mim. Mas o melhor é uma questão de padrões — e eu estabeleço meus próprios padrões. Não herdo nada. Não sou o recipiente de nenhuma tradição. Talvez eu seja o início de uma.

— Quantos anos você tem? — o reitor perguntou.

— Vinte e dois — respondeu Roark.

— É bastante compreensível — disse o reitor. Ele parecia aliviado. — Você vai superar tudo isso — sorriu. — Os padrões antigos persistem há milhares de anos e ninguém foi capaz de melhorá-los. O que são os seus modernistas? Um modismo passageiro, exibicionistas tentando chamar atenção. Você já observou o curso de suas carreiras? Consegue mencionar um único que tenha conquistado qualquer distinção permanente? Veja o Henry Cameron. Um grande homem, um arquiteto de destaque, vinte anos atrás. O que ele é hoje? Tem sorte se conseguir — uma vez por ano — fazer a reforma de uma garagem. É um vagabundo, um bêbado que...

— Nós não vamos falar sobre Henry Cameron.

— Ah. Ele é amigo seu?

— Não, mas eu vi os prédios dele.

— E achou que são...

— Eu já disse que não vamos falar sobre Henry Cameron.

— Muito bem. Você deve perceber que eu estou lhe permitindo ter bastante... digamos, liberdade? Não estou acostumado a entrar em um debate com alunos que se comportam como você. Entretanto, estou ansioso para impedir, se possível, o que parece ser uma tragédia, o espetáculo de um jovem com os seus dotes mentais óbvios prestes a arruinar sua vida deliberadamente.

O reitor se perguntava por que havia prometido ao professor de matemática fazer tudo o que pudesse por esse rapaz. Simplesmente porque o professor havia dito, apon-





tando para o projeto de Roark: “Este é um grande homem”. *Um grande homem*, pensou o reitor, *ou um criminoso*. O reitor estremeceu. Não aprovava nenhum dos dois.

Ele pensou no que havia escutado sobre o passado de Roark. O pai de Roark trabalhara na produção de aço em alguma parte de Ohio, e morrera há muito tempo. Os documentos de matrícula do rapaz não continham nenhum registro de parentes próximos. Quando lhe perguntaram sobre isso, Roark havia dito, com indiferença:

— Acho que não tenho nenhum parente. Talvez tenha, não sei.

Pareceu surpreso com a idéia de que deveria ter algum interesse pela questão. Não havia feito, nem tentado fazer, uma única amizade no *campus*, e recusara-se a fazer parte de uma fraternidade. Roark havia trabalhado durante todo o segundo grau e durante os três anos no Instituto. Havia sido um trabalhador comum na área de construção desde a infância. Trabalhara com alvenaria, encanamento, metalurgia, em qualquer trabalho que conseguisse, indo de uma cidadezinha para outra, em direção às cidades grandes do Leste. No verão anterior, o reitor o havia visto, durante as férias, apanhando rebites em um arranha-céu em construção, em Boston; seu corpo esguio relaxado sob o macacão sujo de graxa, apenas os olhos atentos e o braço direito estendendo-se para a frente, de vez em quando, com habilidade, sem esforço, para apanhar a bola de fogo voadora no último instante, quando parecia que o rebite escaldante, em vez de cair no balde, lhe atingiria em cheio o rosto.

— Veja bem, Roark — disse o reitor, gentilmente. — Você trabalhou duro para se formar. Só lhe faltava um ano. Há algo importante a ser levado em consideração, principalmente para um rapaz na sua situação. Você tem que pensar no lado *prático* da carreira de arquiteto. O arquiteto não é um fim em si mesmo, é somente uma parte pequena de um grande todo social. *Cooperação* é a palavra-chave para o nosso mundo moderno, e especialmente para a profissão de arquiteto. Já pensou nos seus clientes em potencial?

— Já — disse Roark.

— O *cliente* — afirmou o reitor. — O cliente. Pense nele, acima de tudo. Ele é quem vai morar na casa que você construir. Seu único propósito é servi-lo. A sua aspiração deve ser dar a expressão artística apropriada aos desejos dele. Isso não é tudo o que se pode dizer sobre o assunto?

— Bem, eu poderia dizer que minha aspiração deve ser construir para meu cliente a casa mais confortável, mais lógica e mais bonita que se pode construir. Poderia dizer que devo tentar lhe vender o melhor que eu tiver, e também ensiná-lo a saber o que é o melhor. Eu poderia dizer isso, mas não direi, porque não pretendo construir para servir ou ajudar ninguém. Não pretendo construir para poder ter clientes, pretendo ter clientes para poder construir.

— Como você pretende forçá-los a aceitar suas idéias?





— Eu não pretendo forçar ninguém, nem ser forçado. Aqueles que me quiserem virão até mim.

Só então o reitor entendeu o que o intrigava no jeito de Roark.

— Sabe — disse — você seria muito mais convincente se aparentasse se importar com o fato de eu concordar ou não com você.

— É verdade — disse Roark. — Eu não me importo se você concorda comigo ou não. — Disse-o de maneira tão simples que não soou ofensivo, mas como a declaração de um fato que ele notava, perplexo, pela primeira vez.

— Você não se importa com o que os outros pensam, o que pode ser compreensível. Mas não se importa nem em fazê-los pensar como você?

— Não.

— Mas isso é... é monstruoso.

— É mesmo? Provavelmente. Eu não saberia dizer.

— Fico feliz com esta conversa — disse o reitor, subitamente, alto demais. — Aliviou minha consciência. Acredito, como afirmaram os outros na reunião, que a profissão de arquiteto não é para você. Eu tentei ajudá-lo. Agora concordo com o Conselho. Você não é o tipo de homem que deva ser incentivado. Você é perigoso.

— Para quem? — perguntou Roark.

Porém o reitor levantou-se, indicando que a entrevista terminara.

Roark saiu da sala. Caminhou lentamente através dos corredores longos, desceu as escadas e saiu para o gramado. Ele havia conhecido muitos homens como o reitor. Nunca os havia compreendido. Sabia apenas que havia alguma diferença importante entre suas ações e as deles. Isso já não o perturbava há muito tempo. Mas ele sempre buscava um tema central nos prédios, assim como buscava um ímpeto central nos homens. Sabia qual era a fonte de suas próprias ações, mas não conseguia descobrir qual era a deles. Não se importava com isso. Nunca aprendera o processo de pensar nas outras pessoas, mas se perguntava, às vezes, o que as fazia ser como eram. Perguntou-se mais uma vez, pensando no reitor. Havia um segredo importante imbuído em alguma parte dessa questão, pensou ele. Havia um princípio que ele tinha de descobrir.

Contudo, parou. Viu a luz do sol do fim da tarde, suspensa no instante logo antes de desaparecer, incidindo sobre o calcário cinza de um friso que corria ao longo da parede de tijolos do prédio do Instituto. Esqueceu-se dos homens, do reitor e do princípio por trás do reitor que queria descobrir. Pensou apenas na aparência encantadora da pedra sob a luz frágil e no que ele poderia ter feito com essa pedra.

Pensou em uma folha de papel larga e viu, surgindo no papel, paredes simples de calcário cinza com faixas compridas de vidro, que deixavam o brilho do céu entrar nas salas de aula. No canto da folha havia uma assinatura precisa e angular: HOWARD ROARK.





II

— A ARQUITETURA, MEUS AMIGOS, é uma grande arte baseada em dois princípios cósmicos: a Beleza e a Utilidade. Em um sentido mais amplo, estas são apenas uma parte das três entidades eternas: a Verdade, o Amor e a Beleza. Verdade com relação às tradições de nossa Arte; Amor por nossos semelhantes, a quem serviremos; Beleza — ah, a Beleza é uma deusa fascinante para todos os artistas, seja na forma de uma mulher encantadora, ou de um prédio... hã... Sim... Concluindo, eu gostaria de dizer a vocês, que estão prestes a embarcar na carreira de arquitetura, que vocês agora são os guardiões de um legado sagrado... hã... Sim... Portanto, partam para o mundo, armados com as três eternas enti... armados com coragem e visão, leais aos padrões que esta escola representa há muitos anos. Que todos vocês sirvam lealmente, não como escravos do passado, nem como os modernistas que pregam a originalidade apenas pela própria originalidade, o que é uma atitude de pura vaidade ignorante. Que todos vocês tenham muitos anos de riqueza e atividade pela frente e que, ao deixar este mundo, deixem sua marca nas areias do tempo!

Guy Francon terminou com um floreio, erguendo o braço direito em uma ampla saudação, de forma informal, mas com um ar, aquele ar alegre e fanfarrão que Guy Francon sempre podia se permitir. O imenso salão diante dele encheu-se de vida com aplausos e aprovação.

Um mar de rostos jovens, suados e animados contemplara solenemente, durante 45 minutos, o palco em que Guy Francon se apresentara como orador da formatura do Instituto de Tecnologia de Stanton. Guy Francon, que viera em pessoa de Nova York, especialmente para a ocasião; Guy Francon, da ilustre firma Francon & Heyer, vice-pre-





sidente da Associação Americana de Arquitetos, membro da Academia Americana de Artes e Letras, membro do Comitê Nacional de Belas-Artes, secretário da Liga de Artes e Ofícios de Nova York, presidente da Sociedade pelo Iluminismo Arquitetônico dos Estados Unidos; Guy Francon, cavaleiro da Legião de Honra da França, condecorado pelos governos da Grã-Bretanha, Bélgica, Mônaco e Tailândia; Guy Francon, o ex-aluno mais importante de Stanton, que desenhara o famoso prédio do Frink National Bank da cidade de Nova York, no topo do qual, 25 andares acima do pavimento, em uma réplica em miniatura do Mausoléu de Adriano, queimava, soprada pelo vento, uma tocha feita de vidro e das melhores lâmpadas General Electric.

Guy Francon desceu do palco, totalmente consciente de sua cadência e de seus movimentos. Tinha estatura mediana e não era pesado, mas tinha uma desafortunada tendência a ser corpulento. Sabia que ninguém lhe daria sua idade verdadeira, que era 51 anos. Seu rosto não apresentava nenhuma ruga, nem uma única linha reta. Era uma composição engenhosa de globos, círculos, arcos e elipses, com olhinhos brilhantes que piscavam com vivacidade. Suas roupas revelavam a atenção infinita de um artista aos detalhes. Ele desejou, ao descer os degraus, que esta fosse uma escola mista.

O salão diante dele, pensou, era um modelo esplêndido de arquitetura, hoje um pouco abafado pela multidão e pela questão negligenciada da ventilação. Porém, ostentava um acabamento de mármore verde, colunas coríntias de ferro fundido pintado de dourado e grinaldas de frutas douradas nas paredes. Os abacaxis, em particular, pensou Guy Francon, haviam suportado muito bem o teste dos anos. *É tocante*, pensou Guy Francon. *Fui eu que construí este anexo e este mesmo salão, há vinte anos; e aqui estou eu.*

O salão estava lotado de corpos e rostos, tão comprimidos uns contra os outros que não se podia distinguir, de relance, que rostos pertenciam a que corpos. Era como uma geléia mole e trêmula, feita de uma mistura de braços, ombros, peitos e barrigas. Uma das cabeças, pálida, bonita e de cabelo escuro, pertencia a Peter Keating.

Ele estava sentado bem na frente, e tentava manter os olhos no palco porque sabia que muitas pessoas estavam olhando para ele, e continuariam olhando para ele mais tarde. Não olhava para trás, mas a consciência daqueles olhares centrados nele nunca o abandonava. Seus olhos eram escuros, alertas e inteligentes. Sua boca, uma pequena meia-lua virada para cima, perfeitamente desenhada, era gentil, generosa e afetuosa, com a leve promessa de um sorriso. Sua cabeça tinha certa perfeição clássica no formato do crânio, na ondulação natural dos cachos ao redor das têmporas côncavas e bem formadas. Mantinha a cabeça erguida, como faz quem sabe que é bonito, mas sabe também que os outros não são como ele. Ele era Peter Keating, aluno destacado em Stanton, presidente do conselho estudantil, capitão da equipe de atletismo, membro da fraternidade mais importante, eleito o homem mais popular do *campus*.





A multidão estava lá, pensou Peter Keating, para vê-lo se formar, e tentou calcular a lotação do salão. Eles conheciam seu currículo estudantil e ninguém o superaria hoje. Bem, havia o Shlinker. A concorrência com Shlinker fora dura, mas ele o havia vencido nesse último ano. Trabalhara como um cão porque queria vencer Shlinker. Hoje ele não tinha rivais... Subitamente, sentiu-se como se alguma coisa dentro de sua garganta tivesse caído em seu estômago, algo frio e oco, um buraco vazio rolando para baixo e deixando esse sentimento como um rastro. Não um pensamento, apenas o indício de uma pergunta, questionando se ele era realmente tão espetacular quanto seria proclamado neste dia. Procurou Shlinker na multidão. Viu seu rosto amarelo e seus óculos com aros de ouro. Contemplou Shlinker afetuosamente, aliviado, reconfortado, grato. Era óbvio que Shlinker jamais poderia aspirar igualar sua aparência ou habilidade. Ele não precisava ter dúvidas, sempre venceria Shlinker e todos os Shlinkers do mundo. Não deixaria que ninguém conquistasse o que ele não pudesse conquistar. Que todos o observassem. Ele lhes daria uma boa razão para olharem para ele. Sentiu os hálitos quentes à sua volta e a expectativa, como um tônico. Peter Keating pensou que era maravilhoso estar vivo.

Sua cabeça começou a rodar um pouco. Era uma sensação agradável, que o carregou, de forma irresistível e inconsciente, ao palco diante de todos aqueles rostos. Ficou ali parado — esguio, arrumado, atlético — e deixou o dilúvio inundar a sua cabeça. O estrondo lhe mostrou que havia se formado com honras, que a Associação Americana de Arquitetos lhe havia premiado com uma medalha de ouro e que ele havia recebido o Prix de Paris da Sociedade pelo Iluminismo Arquitetônico dos Estados Unidos — uma bolsa de estudos de quatro anos na École des Beaux Arts, em Paris.

Em seguida, ele estava apertando mãos, enxugando o suor do rosto com a ponta de um pergaminho enrolado, acenando, sorrindo, sufocando na beca preta e torcendo para que as pessoas não reparassem em sua mãe soluçando, agarrando-o com seus braços. O presidente do Instituto apertou sua mão, dizendo com alarde:

— Stanton se orgulhará de você, meu rapaz.

O reitor apertou sua mão, enquanto repetia:

— ...um futuro glorioso... um futuro glorioso... um futuro glorioso...

O professor Peterkin apertou sua mão e deu-lhe uma palmadinha no ombro, dizendo:

— ...e você verá que é absolutamente essencial. Por exemplo, eu tive essa experiência quando construí o Correio de Peabody...

Keating não ouviu o resto, uma vez que havia escutado a história do Correio de Peabody muitas vezes. Era a única estrutura que se sabia ter sido erguida pelo professor Peterkin, antes de sacrificar sua carreira de arquiteto para assumir a responsabilidade de lecionar. Falou-se muito sobre o projeto de conclusão de curso de Keating — um Palácio de Belas Artes. Peter não conseguia se lembrar de modo algum, no momento, de que projeto era esse.





Em meio a tudo isso, em seus olhos permanecia a visão de Guy Francon apertando sua mão, e em seus ouvidos permanecia o som da voz suave de Francon:

— ...como eu lhe disse, ainda está disponível, rapaz. Claro, agora que obteve essa bolsa... você terá que decidir... Um diploma da Beaux Arts é muito importante para um jovem... mas eu ficaria encantado de tê-lo em nosso escritório.

O banquete da turma de 22 foi longo e solene. Keating ouviu os discursos com interesse. Ao ouvir as intermináveis frases do tipo ‘os jovens são a esperança da arquitetura na América’ e ‘o futuro abre seus portões de ouro’, sabia que ele era a esperança e que o futuro era seu, e era agradável ouvir essa confirmação proferida por tantos lábios ilustres. Olhou para os oradores de cabelos grisalhos e pensou em como seria muito mais jovem que eles quando chegasse às posições em que eles estavam, e mais longe ainda.

Então, subitamente, pensou em Howard Roark. Surpreendeu-se com o fato de que a faísca desse nome em sua memória lhe causasse uma pequena pontada aguda de prazer, antes que pudesse entender por quê. Então, lembrou-se: Howard Roark fora expulso esta manhã. Repreendeu-se em silêncio. Fez um esforço concentrado para sentir pena. Entretanto, o brilho secreto voltava a cada vez que ele pensava na expulsão. O evento provava de uma vez por todas que ele havia sido tolo ao imaginar que Roark seria um rival perigoso. Em dado momento, havia se preocupado mais com Roark do que com Shlinker, embora Roark fosse dois anos mais jovem e estivesse um ano atrás dele na faculdade. Se ele jamais tivera quaisquer dúvidas a respeito de seus respectivos dons, este dia não havia resolvido a questão? Além disso, lembrou-se, Roark tinha sido muito simpático com ele, ajudando-lhe sempre que ficava emperrado em um problema... não exatamente emperrado, apenas quando não havia tido tempo de pensar melhor a respeito de uma planta, ou algo assim. Deus do céu! Como Roark sabia desvendar uma planta, como se puxasse um fio e ela se abrisse... *Bem, e daí se ele sabia? O que conseguiu com isso?* Ele estava acabado agora. E, sabendo disso, Peter Keating finalmente sentiu, com um espasmo de prazer, compaixão por Howard Roark.

Quando foi chamado para fazer seu discurso, Keating levantou-se confiantemente. Não podia demonstrar que estava aterrorizado. Não tinha nada a dizer sobre arquitetura. Contudo, falou, com a cabeça erguida, como se estivesse entre iguais, modestamente sutil, para evitar que qualquer convidado ilustre pudesse se ofender. Lembrava-se de ter dito:

— A arquitetura é uma grande arte... Com nossos olhos voltados para o futuro e a reverência ao passado em nossos corações... De todas as artes, a de maior importância sociológica... E, como disse hoje o homem que é uma inspiração para todos nós, as três entidades eternas são: a Verdade, o Amor e a Beleza...

Depois, nos corredores do lado de fora, em meio à confusão barulhenta das despedidas, um jovem passara o braço ao redor dos ombros de Keating e sussurrara:

— Corra para casa e tire a roupa de gala, Pete. Vamos para Boston esta noite, só a nossa turma. Vou buscá-lo em uma hora.





Ted Shlinker insistira:

— É claro que você vem, Pete. Não tem graça sem você. Aliás, parabéns e tudo mais. Sem ressentimentos. Que vença o melhor homem.

Keating havia passado o braço ao redor dos ombros de Shlinker; seus olhos brilhavam com afeto, insistentemente, como se Shlinker fosse seu amigo mais querido. Os olhos de Keating brilhavam assim para todo mundo. Ele dissera:

— Obrigado, Ted, meu velho. Realmente me sinto muito mal pela medalha da Associação Americana de Arquitetos. Acho que era você que a merecia, mas nunca se sabe o que se passa nas cabeças desses velhos molengas.

E agora Keating estava a caminho de casa, através da escuridão tranquila, perguntando-se como fugiria de sua mãe pelo resto da noite.

Sua mãe, pensou, fizera muito por ele. Como ela própria comentava frequentemente, ela era uma dama e havia completado o segundo grau; mesmo assim, trabalhara duro, e transformara sua casa em uma pensão, uma concessão sem precedentes em sua família.

Seu pai fora proprietário de uma papelaria em Stanton. Novos tempos puseram um fim ao negócio e uma hérnia pôs um fim à vida do Sr. Peter Keating, doze anos antes. Louisa Keating ficara com a casa localizada no fim de uma rua respeitável, com o pagamento anual de um seguro que fora mantido meticulosamente — ela havia tratado disso — e com seu filho. A anuidade do seguro era módica, mas com a ajuda dos hóspedes da pensão e de sua determinação obstinada, a Sra. Keating havia se virado. Durante o verão, seu filho ajudava, trabalhando em hotéis ou posando para propagandas de chapéus. A Sra. Keating decidira que seu filho assumiria o lugar que lhe era de direito no mundo, e ela se agarrara a essa decisão de forma tão silenciosa e inexorável como um carrapato... Engraçado, lembrou-se Keating, houve um tempo em que ele queria ser artista. Fora sua mãe que escolhera uma área melhor na qual exercitar seu talento para desenhar. “A arquitetura” dissera ela, “é uma profissão tão respeitável. Além disso, nela se conhecem as melhores pessoas”. Ela o havia empurrado para sua carreira, sem ele jamais saber quando ou como. É engraçado, pensou Keating, há anos ele não se lembrava dessa sua ambição da juventude. É engraçado que agora a lembrança o magoasse. Bem, esta era a noite para se lembrar disso — e para esquecer para sempre.

Pensou em como os arquitetos sempre construíam carreiras brilhantes. E, uma vez no topo, alguma vez fracassavam? De repente, lembrou-se de Henry Cameron: construtor de arranha-céus vinte anos atrás, velho bêbado com um escritório à beira da água hoje em dia. Keating arrepiou-se e apertou o passo.

Perguntou a si mesmo, enquanto andava, se as pessoas estavam olhando para ele. Observou os retângulos das janelas iluminadas. Quando uma cortina se mexia e uma cabeça se inclinava para fora, tentava adivinhar se ela havia se inclinado para vê-lo passar. Se não o fizera, um dia o faria. Algum dia, todos se inclinariam para vê-lo passar.





Howard Roark estava sentado nos degraus da varanda quando Keating se aproximou da casa. Estava recostado nos degraus, apoiando-se nos cotovelos, suas pernas compridas esticadas. Uma ipoméia trepava pelos pilares da varanda, como uma cortina protegendo a casa da luz de um poste na esquina.

Era estranho ver uma lâmpada elétrica no ar de uma noite de primavera. Tornava a rua mais escura e quieta; estava suspensa sozinha, como uma fenda, sem deixar nada visível, a não ser poucos galhos, pesados de folhas, imóveis na beira da fenda. A vaga alusão tornou-se imensa, como se a escuridão não contivesse nada além de uma torrente de folhas. A bola mecânica de vidro fazia com que as folhas parecessem mais vivas. Tirava a sua cor e dava-lhes a promessa de que, à luz do dia, elas seriam de um verde mais vívido do que jamais existira; tirava a visão e deixava em seu lugar um novo sentido, que não era olfato nem tato, mas ambos, um sentido de primavera e de espaço.

Keating parou quando reconheceu o absurdo cabelo laranja na escuridão da varanda. Era justamente a pessoa que ele queria ver esta noite. Ficou feliz, e um pouco amedrontado, por encontrar Roark sozinho.

— Parabéns, Peter — disse Roark.

— Oh... Ah, obrigado... — Keating surpreendeu-se ao descobrir que sentia mais prazer do que com qualquer outro cumprimento que havia recebido hoje. Estava timidamente contente com a aprovação de Roark e, por dentro, chamava-se de tolo por isso. — Quero dizer... você sabe ou... — acrescentou rapidamente. — Minha mãe lhe contou?

— Contou.

— Ela não deveria ter contado!

— Por que não?

— Olhe, Howard, você sabe que lamento muito por você ter sido...

Roark inclinou a cabeça para trás e olhou para ele.

— Esqueça — disse Roark.

— Eu... quero falar com você sobre um assunto, Howard, pedir seu conselho. Você se importa se eu me sentar?

— O que é?

Keating sentou-se nos degraus ao seu lado. Não havia nenhum papel que ele pudesse interpretar na presença de Roark. Além disso, não tinha vontade de representar nenhum papel agora. Ouviu o farfalhar de uma folha que caía no chão. Era um som leve, rarefeito, próprio da primavera.

Ele sabia que, neste momento, sentia afeição por Roark, uma afeição que continha dor, espanto e desamparo.

— Você não vai achar — perguntou Keating, gentilmente, em completa sinceridade — que é horrível de minha parte perguntar sobre meus negócios, quando você acaba de ser...

— Eu lhe disse para esquecer isso. O que é?





— Sabe — disse Keating, honesta e inesperadamente, até para si mesmo — muitas vezes eu achei que você era louco. Mas sei que você sabe muitas coisas sobre isso — sobre arquitetura, quero dizer — que aqueles trouxas nunca souberam. E sei que você ama a profissão como eles jamais amarão.

— E?

— Bem, não sei por que deveria falar com você, mas... Howard, eu nunca disse isso antes, mas prefiro saber a sua opinião sobre as coisas à do reitor. Provavelmente eu seguiria a do reitor, mas o fato é que a sua significa mais para mim, não sei por quê. Nem sei por que estou dizendo isso.

Roark virou-se de lado, olhou para ele e riu. Era uma risada jovem, benevolente e amistosa, algo tão raro de se ouvir de Roark que Keating sentiu-se como se alguém tivesse segurado sua mão para tranquilizá-lo. E se esqueceu de que havia uma festa em Boston à sua espera.

— O que é isso? — indagou Roark — Você não está com medo de mim, está? O que quer perguntar?

— É sobre a minha bolsa de estudos. O prêmio de Paris que ganhei.

— Sim?

— É por quatro anos. Por outro lado, Guy Francon me ofereceu um emprego há algum tempo. Hoje ele disse que a vaga ainda está disponível. E eu não sei qual escolher.

Roark olhou para ele. Seus dedos moviam-se em uma rotação lenta, batendo nos degraus.

— Se quer o meu conselho, Peter — disse, afinal —, você já cometeu um erro. Ao me perguntar. Ao perguntar para qualquer pessoa. Jamais pergunte a ninguém. Não sobre o seu trabalho. Você não sabe o que quer? Como agüenta não saber?

— Está vendo? É isso que admiro em você, Howard. Você sempre sabe.

— Pare com os elogios.

— Mas estou falando sério. Como você sempre consegue decidir?

— Como pode deixar que os outros decidam por você?

— É que eu não tenho certeza, Howard. Nunca estou seguro de mim mesmo. Não sei se sou tão bom quanto todos dizem que sou. Eu não admitiria isso para ninguém, exceto você. Acho que é porque você sempre tem tanta certeza que eu...

— Petey! — A voz da Sra. Keating explodiu atrás deles. — Petey, querido! O que está fazendo aqui?

Ela estava parada na porta, usando seu melhor vestido de tafetá cor de vinho, feliz e brava ao mesmo tempo.

— E eu aqui, sentada sozinha, esperando por você! O que pensa que está fazendo sentando nesses degraus imundos, de terno? Levante-se já! Entrem, meninos. Tenho chocolate quente e biscoitos prontos para vocês.





— Mas, mãe, eu queria conversar com o Howard sobre um assunto importante — disse Keating. Porém, levantou-se.

Ela pareceu não escutar. Entrou na casa. Keating a seguiu.

Roark viu-os entrar, deu de ombros, levantou-se e entrou também.

A Sra. Keating acomodou-se em uma poltrona, sua saia enrijecida estalando.

— E então? — perguntou. — Sobre o que vocês dois estavam conversando lá fora?

Keating passou os dedos por um cinzeiro, pegou uma caixa de fósforos, largou-a e então, ignorando a mãe, dirigiu-se a Roark.

— Howard, diga de uma vez — falou, com uma voz aguda. — Devo jogar fora a bolsa e começar a trabalhar, ou deixar Francon esperando e ir para Beaux Arts para impressionar os caipiras? O que você acha?

Algo se desvanecera. O momento único se perdera.

— Petey, deixe-me entender direito... — começou a Sra. Keating.

— Espere um pouco, mãe! Howard, tenho que pesar isso cuidadosamente. Não é todo mundo que consegue obter uma bolsa de estudos como essa. É preciso ser muito bom para conseguir essa oportunidade. Um curso na Beaux Arts — você sabe como isso é importante.

— Não, não sei — disse Roark.

— Ah, diabos, eu conheço suas idéias malucas, mas estou falando do lado prático, para um homem na *minha* posição. Deixando os ideais de lado por um momento, certamente é...

— Você não quer meu conselho — afirmou Roark.

— É claro que quero! Estou lhe perguntando!

Porém, Keating nunca conseguia ser o mesmo quando tinha platéia, qualquer platéia. Algo desaparecera. Ele não sabia o que, mas sentia que Roark sabia. Os olhos de Roark deixavam-no pouco à vontade e isso irritou-o.

— Quero *praticar* arquitetura — disse rispidamente — e não falar sobre ela! Ela confere um grande prestígio — a velha École. Coloca-o acima da categoria dos encanadores que acham que podem construir. Por outro lado, uma vaga com Francon, oferecida pelo próprio Guy Francon, em pessoa!

Roark virou-se para o outro lado.

— Quantos jovens alcançarão essa posição? — prosseguiu Keating cegamente. — Dentro de um ano, estarão se gabando por estarem trabalhando com Smith ou com Jones, se é que conseguirão algum emprego. Enquanto eu estarei na *Francon & Heyer!*

— Tem razão, Peter — disse a Sra. Keating, levantando-se. — Sobre uma questão desse porte você não quer consultar sua mãe. É importante demais. Vou deixar que resolva com o Sr. Roark.





Ele olhou para sua mãe. Não queria ouvir o que ela pensava sobre o assunto. Sabia que sua única chance de decidir era tomar a decisão antes de ouvi-la. Ela se detivera, contemplando-o, pronta para virar-se e sair da sala. Ele sabia que não era fingimento, ela sairia se ele assim quisesse. Queria que ela se retirasse, queria desesperadamente. Disse:

— Puxa, mãe, como pode dizer isso? É claro que quero a sua opinião. O quê... o que você acha?

Ela ignorou a irritação indisfarçável na voz dele. Sorriu.

— Petey, eu nunca acho nada. A decisão cabe a você. Sempre coube a você.

— Bem... — começou ele indeciso, observando-a — se eu for para a Beaux Arts...

— Muito bem — disse a Sra. Keating — vá estudar na Beaux Arts. É um lugar excelente. Um oceano inteiro de distância da sua casa. Naturalmente, se você for, o Sr. Francon contratará outro. As pessoas vão comentar. Todos sabem que o Sr. Francon escolhe o melhor aluno de Stanton para seu escritório, a cada ano. O que será que vai parecer, se algum outro aluno pegar o emprego? Mas imagino que isso não seja importante.

— O quê... o que as pessoas vão comentar?

— Não muito, suponho. Apenas que o outro rapaz era o melhor da sua turma. Acho que ele escolherá Shlinker.

— Não! — exclamou ele furiosamente. — Shlinker não!

— Sim — disse ela docemente. — Shlinker.

— Mas...

— Mas por que você deveria se importar com o que as pessoas vão dizer? Só precisa agradar a si mesmo.

— E você acha que Francon...

— Por que eu deveria pensar no Sr. Francon? Não tem nenhuma importância para mim.

— Mãe, você quer que eu aceite o emprego com Francon?

— Não quero nada, Petey. Você é quem manda.

Ele se perguntou se realmente gostava de sua mãe. Mas ela era sua mãe, fato que todos reconheciam que significava, automaticamente, que ele a amava, portanto tomou como certo que o que quer que sentisse por ela era amor. Não sabia se existia alguma razão para que devesse respeitar o julgamento dela. Era sua mãe, e isso deveria estar acima de qualquer razão.

— Sim, claro, mãe... Mas... Sim, eu sei, mas... Howard?

Era um pedido de socorro. Roark estava lá, em um pequeno sofá num canto, meio deitado, largado languidamente, como um gato. Isso com frequência deixava Keating atônito. Vira Roark movendo-se com uma tensão silenciosa, sob controle, com a precisão de um felino; e vira-o relaxado, como um gato, seu corpo sossegado e sem forma definida, como se não possuísse um único osso sólido. Roark olhou para ele e disse:





— Peter, você sabe o que acho de suas duas oportunidades. Escolha o mal menor. O que aprenderá na Beaux Arts? Só mais palácios renascentistas e cenários de operetas. Destruirão tudo que pode haver dentro de você. Você faz um bom trabalho, vez por outra, quando lhe deixam. Se quiser realmente aprender, vá trabalhar. Francon é um desgraçado e um idiota, mas você estará construindo. Ficaré preparado para trabalhar por conta própria mais cedo.

— Até o Sr. Roark tem bom senso, às vezes — comentou a Sra. Keating — ainda que fale como um caminhoneiro.

— Acha mesmo que eu faço um bom trabalho? — Keating observava-o como se seus olhos ainda retivessem o reflexo daquela única sentença. E nada mais importava.

— De vez em quando — respondeu Roark. — Não com frequência.

— Agora que já está tudo resolvido... — começou a Sra. Keating.

— Tenho... tenho que pensar, mãe.

— Agora que já está tudo resolvido, que tal aquele chocolate quente? Vou servi-lo para vocês em um minuto!

Sorriu para seu filho, um sorriso inocente que declarava sua obediência e gratidão, e saiu da sala com o vestido farfalhando.

Keating pôs-se a andar de um lado para o outro, nervoso. Parou, acendeu um cigarro, ficou parado soltando a fumaça em curtas baforadas, e então virou-se para Roark.

— O que vai fazer agora, Howard?

— Eu?

— Foi falta de consideração minha, eu sei, falar só de mim mesmo daquela forma. A mamãe tem boas intenções, mas me deixa louco... Bem, que se dane isso agora. O que você vai fazer?

— Vou para Nova York.

— Ah, legal. Para arrumar um emprego?

— Para arrumar um emprego.

— Como... como arquiteto?

— Como arquiteto, Peter.

— Isso é bárbaro. Fico feliz. Tem alguma perspectiva definida?

— Vou trabalhar para Henry Cameron.

— Ah, não, Howard!

Roark sorriu lentamente, os cantos de sua boca bem definidos, e não disse nada.

— Ah, não, Howard!

— Sim.

— Mas ele não é nada, não é mais ninguém! Sei que ele tem fama, mas está acabado! Nunca consegue nenhum prédio importante, já há anos! Dizem que seu escritório é um buraco. Que tipo de futuro você terá com ele? O que aprenderá?

— Não muito. Apenas a construir.





— Pelo amor de Deus, você não pode continuar assim, deliberadamente arruinando sua própria vida! Eu pensei... bem, é isso mesmo, pensei que você tivesse aprendido algo hoje!

— E aprendi.

— Olhe, Howard, se for porque você acha que ninguém mais o contratará agora, ninguém melhor que ele, eu o ajudarei. Vou amaciar o velho Francon, vou fazer contatos e...

— Obrigado, Peter, mas não será necessário. Está resolvido.

— O que ele disse?

— Quem?

— Cameron.

— Nunca me encontrei com ele.

Nesse momento, uma buzina soou com estrondo do lado de fora. Keating lembrou-se, saiu correndo para trocar de roupa, e chocou-se contra sua mãe à porta, derrubando uma xícara da bandeja cheia que ela carregava.

— Petey!

— Não faz mal, mãe! — Segurou-a pelos cotovelos. — Estou com pressa, querida. É uma festinha com os rapazes — vamos, vamos, não diga nada — não voltarei tarde e... ouça! Vamos comemorar minha contratação por Francon & Heyer!

Beijou-a impulsivamente, com a alegre exuberância que o tornava irresistível, por vezes, e voou para fora da sala, escadas acima. A Sra. Keating balançou a cabeça, aturdida, reprovadora e feliz.

Em seu quarto, enquanto atirava suas roupas em todas as direções, Keating pensou subitamente em um telegrama que enviaria a Nova York. Este assunto específico não surgira em sua mente o dia todo, mas agora lhe ocorrera com uma sensação de extrema urgência. Queria mandar o telegrama agora mesmo, imediatamente. Rabiscou-o em um pedaço de papel:

“Cara Katie vou Nova York emprego Francon eterno amor
Peter”

Naquela noite, Keating correu em direção a Boston, espremido entre dois jovens, com o vento e a estrada passando por ele zunindo. E pensou que agora o mundo abria-se para ele, como a escuridão fugindo do feixe de luz dos faróis. Ele estava livre. Estava pronto. Dentro de alguns anos — muito em breve, pois o tempo não existia na velocidade daquele carro — seu nome ressoaria como uma buzina arrancando as pessoas do sono. Ele estava pronto para realizar grandes feitos, feitos magníficos, feitos incomparáveis em... em... ah, diabos... em arquitetura.





III

PETER KEATING CONTEMPLOU AS RUAS DE NOVA YORK. As pessoas, observou, estavam extremamente bem vestidas.

Demorou-se por um instante diante do prédio na Quinta Avenida, onde o escritório de Francon & Heyer e seu primeiro dia de trabalho o aguardavam. Olhou para os homens que passavam apressados. *Elegantes*, pensou, *elegantes para valer*. Olhou envergonhado para suas roupas. Tinha muito que aprender em Nova York.

Quando não podia mais adiar, dirigiu-se à porta. Era um pórtico dórico em miniatura, com cada centímetro reduzido às proporções exatas determinadas por artistas gregos da época em que vestiam túnicas esvoaçantes. Entre a perfeição de mármore das colunas, brilhava uma porta giratória niquelada, refletindo as fileiras de automóveis que passavam em velocidade. Keating passou pela porta giratória, atravessou o lustroso saguão de mármore e entrou em um elevador laqueado de dourado e vermelho que o conduziu, trinta andares acima, a uma porta de mogno. Viu uma placa fina de bronze com letras delicadas:

Francon & Heyer, Arquitetos.

A recepção do escritório de Francon & Heyer, Arquitetos parecia um salão de baile fresco e familiar, em uma mansão colonial. As paredes brancas, com um toque prateado, tinham painéis com pilastras achatadas. As pilastras eram caneladas e formavam curvas como caracóis jônicos; apoiavam pequenos frontões partidos ao meio para dar lugar à metade de um cântaro grego, pregado na parede. Gravuras de templos gregos adornavam os painéis, pequenas demais para serem discernidas, mas apresentando as inconfundíveis colunas, frontões e rochas despedaçadas.





De forma bastante desconcertante, Keating sentia-se como se uma esteira rolante estivesse sob seus pés, desde o momento em que atravessara a soleira da porta. A esteira conduziu-o até a recepcionista, sentada à mesa telefônica, localizada atrás do balaústre branco de uma sacada florentina, e transferiu-o até a entrada de uma enorme sala de desenho. Ele viu mesas planas e compridas, uma floresta de hastes retorcidas que desciam do teto e terminavam em luminárias de cúpulas verdes, arquivos enormes de plantas, torres de gavetas amarelas, papéis, caixas de latão, amostras de tijolos, potes de cola e calendários de construtoras, a maioria exibindo fotos de mulheres nuas. O desenhista-chefe falou rispidamente com Keating, sem vê-lo direito. Estava ao mesmo tempo entediado e estalando de determinação. Apontou com o polegar na direção de um vestiário, indicou com o queixo a porta de um armário e ficou em pé, balançando-se dos calcanhares às pontas dos dedos, enquanto Keating atirava um avental cinza perolado sobre seu corpo tenso e indeciso. Franco fazia questão do avental. A esteira rolante parou em uma mesa situada em um canto da sala de desenhos, onde Keating viu-se com um conjunto de desenhos para ampliar, as costas magras do desenhista-chefe indo embora, demonstrando com clareza que já havia se esquecido de sua existência.

Keating curvou-se sobre sua tarefa imediatamente, os olhos fixos, a garganta seca. Não via nada além do brilho perolado do papel à sua frente. As linhas firmes que desenhava o surpreendiam, pois tinha certeza de que sua mão tremia de um lado para o outro no papel. Seguiu os traços, sem saber aonde iam dar, ou por quê. Sabia apenas que a planta era uma tremenda conquista de alguém, algo que ele não podia questionar nem igualar. Indagou-se por que jamais se considerara um arquiteto em potencial.

Muito tempo depois, notou as dobras de um avental cinza grudadas em um ombro, na mesa ao lado. Olhou à sua volta, cautelosamente a princípio, depois com curiosidade, em seguida com prazer, e finalmente com desdém. Quando chegou a esta última emoção, Peter Keating voltou a ser ele mesmo, e sentiu amor pela humanidade. Notou rostos emaciados, um nariz cômico, uma verruga em um queixo diminuto, uma pança espremida contra a beirada da mesa. Adorou essas imagens. O que quer que essas figuras fizessem, ele faria melhor. Sorriu. Peter Keating precisava de seus semelhantes.

Quando voltou a olhar para seus desenhos, notou os defeitos gritantes da obra-prima. Era a planta de uma residência particular e ele reparou nos corredores tortos que retalhavam grandes porções de espaço sem razão aparente, nos quartos retangulares e compridos como salsichas, condenados à escuridão. *Meu Deus, pensou, eu teria sido reprovado por um trabalho destes, no primeiro semestre.* Em seguida, retomou seu trabalho com rapidez, facilidade, habilidade — e felicidade.





Antes do almoço, Keating já fizera amigos na sala. Nenhum amigo definitivo, mas um solo vago, semeado e pronto, do qual brotariam amizades. Sorria para seus vizinhos de mesa e piscava com cumplicidade, sem nenhum motivo. Usara cada ida ao bebedouro para acariciar aqueles por quem passava com o brilho suave e animador de seus olhos, olhos radiantes que pareciam escolher um homem de cada vez, da sala inteira, do universo inteiro, como o espécime humano mais importante e como o amigo mais querido de Keating. Lá vai — parecia pairar em seu rastro — um rapaz inteligente, um cara muito legal.

Keating reparou que um moço loiro e alto na mesa ao lado estava fazendo uma projeção frontal de um prédio de escritórios. Keating inclinou-se com um respeito camarada sobre o ombro do rapaz, e observou as coroas de louro entrelaçadas ao redor das colunas caneladas de três andares de altura.

— Muito bom o trabalho do velho — disse Keating com admiração.

— Quem? — perguntou o rapaz.

— Ora, Francon — respondeu Keating.

— Francon coisa nenhuma — replicou o rapaz serenamente. — Há oito anos ele não desenha sequer uma casinha de cachorro. — Apontou com o polegar por cima do ombro para uma porta de vidro atrás dele. — Ele.

— O quê? — indagou Keating, virando-se.

— Ele — repetiu o jovem. — Stengel. É ele quem faz todas essas coisas.

Por trás da porta de vidro, Keating vislumbrou um par de ombros ossudos acima da beirada de uma escrivaninha, uma cabeça pequena e triangular inclinada atentamente, e duas poças de luz vazias nos aros redondos de uns óculos.

Já era o fim da tarde quando uma presença pareceu passar além da porta fechada, e Keating concluiu, com base no som dos cochichos à sua volta, que Guy Francon chegara e subira até sua sala, no andar de cima. Meia hora depois, a porta de vidro se abriu e Stengel saiu, um pedaço enorme de cartolina suspenso entre seus dedos.

— Você aí — chamou, os óculos detendo-se no rosto de Keating. — Está fazendo os desenhos para isto? — Balançou a cartolina para a frente. — Leve isto para o chefe, para ser aprovado. Tente ouvir o que ele disser e tente parecer inteligente. Não que qualquer um dos dois tenha importância.

Ele era baixo e seus braços pareciam estender-se até os tornozelos, braços que balançavam como cordas dentro das mangas compridas, com mãos grandes e eficientes. Os olhos de Keating paralisaram, escurecendo-se, por um décimo de segundo, concentrados em um olhar firme dirigido às lentes vazias. E então Keating sorriu e disse agradavelmente:

— Sim, senhor.





Carregou a cartolina nas pontas de seus dez dedos para a escadaria de veludo vermelho que levava à sala de Guy Francon. A cartolina exibia uma perspectiva em aquarela de uma mansão de granito cinza, com três fileiras de sótãos, cinco terraços, quatro sacadas, doze colunas, um mastro e dois leões na entrada. No canto, cuidadosamente escrito à mão, lia-se: 'Residência do Sr. e Sra. James S. Whattles. Francon & Heyer, Arquitetos'. Keating assobiou baixo: James S. Whattles era o fabricante multimilionário de cremes de barbear.

A sala de Guy Francon era lustrosa. Não, refletiu Keating, lustrosa não, era envernizada. Não, envernizada não, mas sim líquida com espelhos derretidos e derramados sobre cada objeto. Viu faíscas de seu próprio reflexo, soltas como um enxame de borboletas, seguindo-o pela sala, nos armários Chippendale, nas cadeiras jacobianas, no consolo da lareira Luís XV. Teve tempo de notar uma estátua romana genuína em um canto, fotografias em sépia do Parthenon, da catedral de Rheims, de Versailles e do prédio do Frink National Bank, com sua tocha eterna.

Viu suas próprias pernas aproximando-se dele na lateral da escrivaninha de mogno maciço. Guy Francon estava sentado atrás de sua escrivaninha. Seu rosto estava amarelado e encovado. Olhou para Keating por um instante, como se nunca o tivesse visto antes, em seguida lembrou-se e sorriu abertamente.

— Ora, vejam só, Kittredge, meu jovem, aqui estamos, acomodados e à vontade! É um grande prazer vê-lo. Sente-se, rapaz, sente-se. O que você tem aí? Bem, não há pressa, nenhuma pressa. Sente-se. O que está achando daqui?

— Temo, senhor, que eu esteja um pouco feliz demais — respondeu Keating, com uma expressão de vulnerabilidade sincera e infantil. — Pensei que pudesse ser profissional em meu primeiro emprego, mas começar em um lugar como este... acho que me deixou um pouco atordoado... Vou me recuperar, senhor — prometeu.

— Naturalmente — disse Guy Francon. — Pode ser um pouco intimidante para um jovem, só um pouco. Mas não se preocupe, tenho certeza de que você estará à altura.

— Farei o melhor que puder, senhor.

— É claro que fará. O que é isso que me mandaram? — Francon esticou a mão em direção ao desenho, mas seus dedos foram parar, desajeitados, em sua testa. — Essa dor de cabeça é tão incômoda... Não, não é nada sério — sorriu ao ver a preocupação imediata de Keating — apenas um pequeno *mal de tête*. Trabalhamos tão duro.

— Posso ir buscar alguma coisa para o senhor?

— Não, não, obrigado. Não é nada que você possa me dar, é só... é algo que você teria que tirar de mim — piscou. — O champanhe. *Entre nous*, aquele champanhe da noite passada não valia nada. Nunca gostei de champanhe, de qualquer forma. Vou lhe dizer, Kittredge, é muito importante entender de vinhos. Por exemplo, quando você levar um cliente para jantar e quiser ter certeza do que é apropriado





pedir. Agora, vou lhe contar um segredo profissional. Codorna, por exemplo. A maioria das pessoas pediria Burgundy para acompanhar. O que você faz? Pede um Clos Vougeot 1904. Entende? Dá aquele toque especial. Adequado, porém original. Sempre se deve ser original... A propósito, quem lhe mandou subir?

— O Sr. Stengel, senhor.

— Ah, Stengel — O tom com que pronunciou o nome clicou como um obturador na mente de Keating: era uma permissão a ser guardada para uso futuro. — Importante demais para trazer seu próprio trabalho até aqui, hein? Fique sabendo, ele é um desenhista excepcional, o melhor desenhista da cidade de Nova York, só que está começando a ficar muito ilustre ultimamente. Acha que é o único que trabalha por aqui, só porque eu lhe dou idéias e deixo que as desenvolva para mim. Só porque fica fazendo borrões em uma prancheta o dia todo. Você aprenderá, meu rapaz, quando estiver no ramo há mais tempo, que o verdadeiro trabalho de um escritório é feito do lado de fora de suas paredes. A noite passada, por exemplo. Banquete da Associação dos Bens Imóveis de Clarion. Duzentos convidados, jantar e champanhe — ah, sim, champanhe! — torceu o nariz de forma afetada, zombando de si mesmo. — Algumas palavras ditas informalmente em um discurso curto, após o jantar, você sabe, nada ostensivo, nada de conversa vulgar de vendedor, apenas algumas idéias bem selecionadas sobre a responsabilidade dos corretores de imóveis para com a sociedade, sobre a importância de selecionar arquitetos competentes, respeitados e bem estabelecidos. Sabe, alguns pequenos *slogans* inteligentes que não serão esquecidos.

— Sim, senhor, como: ‘Escolha o construtor de sua casa com o mesmo cuidado com que escolhe a noiva que irá habitá-la’.

— Nada mau. Nada mau mesmo, Kittredge. Importa-se de que eu tome nota?

— Meu nome é Keating, senhor — disse Keating com firmeza. — Sinta-se totalmente à vontade para usar a idéia. Fico muito feliz que o agrade.

— Keating, é claro! Ora, claro, Keating — exclamou Francon com um sorriso irresistível. — Minha nossa, conhece-se tanta gente. Como foi que você disse? ‘Escolha o construtor...’ Foi muito bem colocado.

Fez Keating repetir a frase e anotou-a em um bloco, escolhendo um lápis entre um arranjo à sua frente, composto de lápis multicoloridos, novos, profissionalmente apontados, prontos, nunca usados.

Depois, empurrou o bloco de lado, suspirou, ajeitou o cabelo levemente ondulado e disse, aborrecido:

— Bem, muito bem, acho que terei que olhar a coisa.

Keating entregou-lhe o desenho respeitosamente. Francon recostou-se, segurou a cartolina diante de si com o braço esticado e olhou para ela. Fechou o olho esquerdo, em seguida o direito, depois segurou o projeto alguns centímetros mais





afastado. Keating esperava freneticamente vê-lo virar o desenho de cabeça para baixo. Mas Francon ficou apenas segurando-o e Keating soube, subitamente, que há muito tempo Francon já não via a cartolina. Francon continuava examinando-a por causa dele, Keating. Nesse momento, Keating sentiu-se leve, leve como o ar, e enxergou o caminho para o seu futuro, claro e aberto.

— Hum... sim — dizia Francon, esfregando o queixo com as pontas de dois dedos macios. — Hum... sim...

Virou-se para Keating.

— Nada mau — disse Francon. — Nada mau mesmo... Bem... talvez... poderia ter sido mais distinta, sabe, mas... bem, o desenho foi feito tão cuidadosamente... O que acha, Keating?

Keating achava que quatro janelas tinham como vista quatro monstruosas colunas de granito, mas fitou os dedos de Francon brincando com a gravata cor de malva, e decidiu não mencionar o fato. Em vez disso, disse:

— Se me permite uma sugestão, senhor, me parece que as volutas entre o quarto e o quinto andares são um pouco modestas demais para um edifício tão imponente. Tenho a impressão de que um friso ornamentado seria muito mais apropriado.

— É isso. Eu ia dizer exatamente isso. Um friso ornamentado... Mas... mas veja, isso significaria reduzir a fenestragem, não é?

— Sim — respondeu Keating, acrescentando um leve verniz de modéstia ao tom que usava nas discussões com seus colegas de classe —, mas as janelas são menos importantes do que a dignidade da fachada de um prédio.

— Correto. Dignidade. Devemos dar aos nossos clientes a dignidade acima de tudo. Sim, com certeza, um friso ornamentado... Só que... eu aprovei os desenhos preliminares, e Stengel completou isto tão habilmente...

— O Sr. Stengel ficará encantado em modificá-lo, se o senhor o aconselhar a fazê-lo.

Os olhos de Francon fitaram os de Keating por um instante. Então, os cílios de Francon abaixaram-se e ele retirou um fiapo de sua manga.

— Claro, claro... — disse vagamente. — Mas... você acha que o friso é realmente importante?

— Acho — afirmou Keating pausadamente — que é mais importante fazer as mudanças que o senhor considera necessárias do que aprovar cada projeto exatamente como o Sr. Stengel o desenhou.

Francon não disse nada, ficou apenas olhando diretamente para ele. Seus olhos estavam enfocados e suas mãos, relaxadas. Keating soube que correria um risco terrível e vencera. Só ficou aterrorizado pelo risco depois de saber que vencera.

Olharam-se silenciosamente por sobre a escrivaninha e ambos perceberam que eram dois homens que podiam compreender um ao outro.





— Colocaremos um friso ornamentado — declarou Francon, com uma autoridade tranqüila e genuína. — Deixe isto aqui. Diga a Stengel que quero vê-lo.

Keating virara-se para sair. Francon deteve-o e disse, com voz alegre e afetuosa:

— Keating, a propósito, posso fazer uma sugestão? Aqui entre nós, sem querer ofender, mas uma gravata vinho cairia bem melhor do que azul com seu avental cinza, não acha?

— Sim, senhor — disse Keating docilmente. — Obrigado. O senhor a verá amanhã. Saiu da sala e fechou a porta silenciosamente.

Ao passar pela recepção, Keating viu um homem grisalho e distinto acompanhando uma senhora até a porta. O homem estava sem chapéu e claramente trabalhava no escritório; a senhora vestia uma capa de marta e era obviamente uma cliente.

O homem não estava curvando-se até o chão, não estava desenrolando um tapete diante dela, nem abanando um leque sobre sua cabeça. Estava somente segurando a porta para ela. Mas pareceu a Keating que ele estava fazendo tudo isso.

O Edifício do Frink National Bank erguia-se sobre Lower Manhattan, e sua longa sombra se movia conforme o Sol mudava de lugar no céu, como um imenso ponteiro de relógio através de prédios encardidos, desde o Aquário até a Ponte de Manhattan. Quando o Sol se punha, a tocha do Mausoléu de Adriano resplandecia em seu lugar e por quilômetros lançava manchas de um vermelho brilhante nos vidros das janelas dos andares mais elevados dos prédios altos o suficiente para refleti-la. O edifício do Frink National Bank exibia a história completa da Arte Romana, em espécimes bem escolhidos. Durante muito tempo, fora considerado o melhor prédio da cidade, porque nenhuma outra estrutura conseguia ostentar um único item clássico que ele não possuísse. Apresentava tantas colunas, frontões, frisos, tripodes, gladiadores, urnas e volutas, que não parecia ter sido construído de mármore branco, mas sim ter saído de uma bisnaga de confeitiro. Entretanto, na verdade, fora construído de mármore branco. Ninguém sabia disso, a não ser os proprietários que pagaram por ele. Era agora de uma cor estriada, manchada, asquerosa, nem marrom nem verde, mas os piores tons de ambos, a cor da podridão lenta, a cor da fumaça, dos vapores de gás e dos ácidos que corroem uma pedra delicada, adequada para o ar puro e para o campo aberto. O edifício do Frink National Bank, contudo, era um grande sucesso. Um sucesso tão grande que foi a última construção desenhada por Guy Francon. Seu prestígio poupou-o do incômodo, a partir de então.

Três quarteirões a leste do Frink National Bank ficava o Edifício Dana. Era alguns andares mais baixo e não possuía prestígio nenhum. Suas linhas eram sólidas e simples, reveladoras, enfatizando a harmonia do esqueleto interior de aço, assim





como os contornos de um corpo revelam a perfeição de seus ossos. Não tinha nenhum outro ornamento a oferecer. Não exibia nada além da precisão de seus ângulos acentuados, da modelagem de seus planos, das longas faixas de janelas, como correntes de gelo fluindo do telhado à calçada. Os nova-iorquinos raramente olhavam para o Edifício Dana. Às vezes, um raro visitante do interior topava com ele inesperadamente, à luz do luar, parava e se perguntava de que sonho viera aquela visão. Contudo, tais visitantes eram raros. Os ocupantes do Edifício Dana diziam que não o trocariam por nenhum outro prédio na face da Terra. Apreciavam a iluminação, a ventilação, a lógica e a beleza da planta de seus saguões e escritórios. Entretanto, seus ocupantes não eram numerosos. Nenhum homem ilustre queria que sua empresa estivesse localizada em um prédio que se parecia com um ‘depósito’.

O Edifício Dana havia sido desenhado por Henry Cameron.

Na década de 1880, os arquitetos de Nova York lutavam entre si para ocupar o segundo lugar na profissão. Nenhum deles almejava o primeiro. O primeiro lugar era ocupado por Henry Cameron. Era difícil contratar Henry Cameron naquela época. Ele tinha uma lista de espera de dois anos. Desenhava pessoalmente cada estrutura produzida por seu escritório. Ele escolhia o que queria construir. Quando construía, o cliente mantinha a boca fechada. Exigia de todos a única coisa que nunca dera a ninguém: obediência. Henry Cameron atravessou os anos de sua fama como um projétil voando em direção a um objetivo que ninguém podia adivinhar qual era. As pessoas o chamavam de louco, mas aceitavam o que ele lhes dava, quer o compreendessem quer não, pois era um prédio ‘de Henry Cameron’.

No início, seus prédios eram apenas um pouco diferentes, não o suficiente para assustar ninguém. Fazia experimentos espantosos, de vez em quando, mas era o esperado e ninguém discutia com Henry Cameron. Algo crescia dentro dele a cada novo edifício, com esforço, tomando forma, aproximando-se perigosamente do ponto de explosão. A explosão veio com o advento dos arranha-céus. Quando os prédios começaram a ser erguidos, não como pilhas enfadonhas de alvenaria, mas como flechas de aço sendo lançadas para cima, sem peso ou limite, Henry Cameron estava entre os primeiros a entender esse novo milagre e a dar-lhe forma. Estava entre os primeiros e poucos a aceitar a verdade que um prédio alto deve parecer alto. Enquanto os arquitetos praguejavam, perguntando-se como fazer um prédio de vinte andares parecer-se com uma velha mansão de tijolos, enquanto usavam todos os artifícios horizontais disponíveis para disfarçar sua altura, reduzi-lo às dimensões da tradição, esconder seu aço vergonhoso, torná-lo pequeno, seguro e antigo — Henry Cameron desenhava arranha-céus com linhas retas e verticais, ostentando o aço e a altura. Enquanto os arquitetos desenhavam frisos e frontões, Henry Cameron decidiu que os arranha-céus não deviam copiar os gregos. Henry Cameron decidiu que nenhum prédio deveria copiar qualquer outro.





Tinha 39 anos na época. Era baixo, forte, desleixado. Trabalhava como um burro de carga, deixava de dormir e de comer. Raramente bebia, mas, quando o fazia, bebia exageradamente. Xingava seus clientes de nomes indizíveis, zombava do ódio contra ele e provocava-o deliberadamente, comportava-se como um senhor feudal e um estivador, e vivia em uma tensão ardente que atormentava os homens em qualquer ambiente em que entrava, um fogo que ninguém, nem ele, podia agüentar por muito mais tempo. Era o ano de 1892.

A *Columbian Exposition* de Chicago foi inaugurada em 1893.

A Roma de dois mil anos atrás ressurgira às margens do Lago Michigan, uma Roma aperfeiçoada por pedaços da França, Espanha, Atenas e por cada estilo que a sucedera. Era a 'Cidade dos Sonhos' das colunas, arcos do triunfo, lagoas azuis, chafarizes e pipoca. Seus arquitetos competiam para ver quem roubava mais, das fontes mais antigas e do maior número de fontes ao mesmo tempo. Exibia aos olhos de um novo país cada crime estrutural jamais cometido em todos os países velhos. Era branca como uma praga, e espalhou-se como tal.

As pessoas vinham, olhavam, pasmavam-se e carregavam consigo, para as cidades da América, as sementes do que haviam visto. As sementes geraram ervas daninhas, geraram correios cobertos por ripas de madeira, com pórticos dóricos, mansões de alvenaria com frontões de ferro, sótãos feitos de doze Parthenons empilhados uns por cima dos outros. As ervas daninhas cresceram e sufocaram todo o resto.

Henry Cameron recusara-se a trabalhar para a *Columbian Exposition* e chamara-a de nomes que não podiam ser impressos, mas que podiam ser repetidos, embora não na presença de mulheres e crianças. Foram repetidos. Repetiu-se também que ele atirara um tinteiro no rosto de um banqueiro ilustre que lhe pedira para desenhar uma estação de trem no formato do templo de Diana em Éfeso. O banqueiro nunca mais voltou. Houve outros que nunca mais voltaram.

Justamente quando estava prestes a atingir o objetivo de longos e árduos anos de trabalho, a dar forma à verdade que buscara, a última barreira diante dele tornou-se intransponível. Um país jovem observara-o lançar-se em seu caminho, admirara-se, começara a aceitar a grandeza inovadora de seu trabalho. Um país jogado de volta a dois mil anos no passado, em uma orgia de classicismo, não conseguia encontrar espaço ou utilidade para ele.

Já não era necessário desenhar prédios, apenas fotografá-los. O arquiteto que tivesse a melhor biblioteca era o melhor de todos. Os imitadores copiavam imitações. Para legitimar esse tipo de construção havia a cultura; havia vinte séculos desenrolando-se em ruínas decadentes; havia a grande Exposição; havia cada cartão-postal europeu em cada álbum de família.

Henry Cameron não tinha nada a oferecer contra isso; nada além de uma convicção que ele mantinha, simplesmente porque era só sua. Não tinha ninguém para





citar e nada importante a dizer. Dizia apenas que a forma de um prédio deve seguir sua função, que a estrutura de um prédio é a chave de sua beleza, que novos métodos de construção exigem novas formas, que desejava construir como quisesse, e somente por essa razão. Porém, as pessoas não podiam escutá-lo quando estavam discutindo Vitruvius, Michelangelo e Sir Christopher Wren.

Os homens odeiam a paixão, qualquer grande paixão. Henry Cameron cometeu um erro: ele amava seu trabalho. Foi por isso que lutou. E foi por isso que perdeu.

Disseram que ele nunca soube que perdera. Se sabia, nunca deixou que percebessem. Conforme seus clientes rareavam, ele os tratava de forma cada vez mais dominadora. Quanto menor o prestígio de seu nome, mais arrogante era o tom de sua voz ao pronunciá-lo. Tivera um gerente administrativo astuto, um pequeno homem de ferro, meigo e discreto que, nos dias de sua glória, enfrentara silenciosamente as tempestades do temperamento de Cameron e trouxera-lhe clientes. Cameron insultava os clientes, mas o pequeno homem convencia-os a aceitar os insultos e voltar. O pequeno homem morreu.

Cameron nunca soubera como lidar com as pessoas. Elas não tinham importância para ele, assim como sua própria vida não tinha importância; nada importava, exceto os prédios. Nunca aprendera a dar explicações, só ordens. Nunca foi querido, só temido. Ninguém mais o temia.

Deixaram-no viver. Ele viveu para odiar as ruas da cidade que sonhara reconstruir. Viveu para sentar-se à escrivaninha de seu escritório vazio, imóvel, ocioso, à espera. Viveu para ler num relato de um jornal bem-intencionado uma referência ao 'falecido Henry Cameron'. Viveu para começar a beber, de maneira silenciosa, constante e terrível, por dias e noites a fio; e para ouvir aqueles que o haviam levado à bebida dizer, quando seu nome era mencionado para um projeto: "Cameron? Não recomendo. Bebe como uma esponja. Por isso nunca consegue trabalho".

Viveu para mudar seu escritório, que ocupava três andares de um prédio famoso, para um andar em uma rua menos cara, depois para um conjunto mais próximo do centro da cidade, e finalmente para três salas com vista para um poço de ventilação, perto do Battery. Escolheu essas salas porque, se pressionasse o rosto contra a janela de seu escritório, podia ver, por cima de um muro de tijolos, o topo do Edifício Dana.

Howard Roark olhava para o Edifício Dana, pelas janelas, parando em cada patamar, conforme subia os seis lances de escada até o escritório de Henry Cameron. O elevador estava quebrado. As escadas haviam sido pintadas de um verde sujo, há muito tempo; um pouco da tinta permanecera em certos pedaços, para descascar sob as solas de sapatos. Roark subia rapidamente, como se tivesse hora marcada, carregando debaixo do braço uma pasta com seus desenhos, os olhos fixos no Edifício Dana. Em dado momento, chocou-se contra um homem que descia as escadas.





O mesmo lhe ocorrera freqüentemente nos últimos dois dias. Caminhara pelas ruas da cidade, a cabeça inclinada para trás, sem reparar em nada, a não ser nos prédios de Nova York.

No cubículo escuro da ante-sala de Cameron, havia uma escrivaninha com um telefone e uma máquina de escrever. Um homem esquelético e grisalho estava sentado à escrivaninha, em mangas de camisa, um par de suspensórios frouxos sobre seus ombros. Datilografava especificações intensamente, com dois dedos e a uma velocidade incrível. A luz fraca de uma lâmpada criava uma mancha amarela em suas costas, onde a camisa úmida grudava-se às omoplatas.

O homem levantou a cabeça lentamente quando Roark entrou. Olhou para Roark com seus velhos olhos cansados, sem dizer nada, e esperou, sem fazer perguntas nem demonstrar curiosidade.

— Eu gostaria de ver o Sr. Cameron — disse Roark.

— É mesmo? — indagou o homem, sem provocação, ofensa, ou significado. — Sobre o quê?

— Sobre um emprego.

— Que emprego?

— De projetista.

O homem fitou-o, sem reação. Era um pedido com o qual não deparava há muito tempo. Levantou-se, por fim, sem dizer uma palavra, dirigiu-se lentamente a uma porta atrás de sua mesa e entrou.

Deixou a porta entreaberta. Roark ouviu-o dizer, com a voz arrastada:

— Sr. Cameron, tem um sujeito aí fora que diz que está procurando um emprego aqui.

Uma voz respondeu, uma voz forte e clara, sem nenhuma indicação de idade:

— Mas que maldito idiota! Chute-o daqui... Espere! Mande-o entrar!

O velho voltou, seguiu a porta aberta e indicou-a com a cabeça, em silêncio. Roark entrou. A porta se fechou atrás dele.

Henry Cameron estava sentado à sua escrivaninha, no fundo de uma sala comprida e vazia. Estava curvado para a frente, os antebraços sobre a escrivaninha, os punhos fechados à sua frente. Seu cabelo e barba eram negros como carvão, entremeados de grossos fios brancos. Os músculos de seu pescoço curto e forte saltavam como cordas. Vestia uma camisa branca, as mangas arregaçadas acima dos cotovelos. Os braços nus eram rígidos, fortes e bronzeados. A carne de seu rosto largo era retesada, como se tivesse envelhecido de tão comprimida. Os olhos eram escuros, jovens, vivos.

Roark ficou parado perto da porta, e eles olharam um para o outro através da longa sala.





A luz do poço de ventilação era cinza e a poeira sobre a mesa de desenho, sobre os poucos arquivos verdes, assemelhava-se a cristais indistintos depositados pela luz. Na parede, entre as janelas, Roark viu um quadro. Era o único quadro da sala. Era o desenho de um arranha-céu que nunca fora construído.

Os olhos de Roark mexeram-se primeiro e depois se fixaram no desenho. Atravessou a sala, parou diante dele e ficou olhando-o. Os olhos de Cameron o seguiram, um olhar pesado, como uma agulha longa e fina segura firmemente por um dos lados, descrevendo um círculo cuidadoso, sua ponta espetando o corpo de Roark, mantendo-o firmemente seguro. Cameron observou o cabelo laranja, a mão solta ao lado do corpo, com a palma voltada para o desenho, os dedos ligeiramente curvados, esquecidos, não em um gesto, mas no prelúdio de um gesto que indicava estar prestes a pedir ou a agarrar algo.

— Bem? — disse Cameron afinal. — Veio até aqui para falar comigo ou para olhar quadros?

Roark virou-se para ele.

— Ambos — respondeu.

Andou até a escrivaninha. As pessoas sempre perdiam sua noção de existência na presença de Roark. Cameron, porém, subitamente sentiu que nunca fora tão real quanto sob o olhar consciente do homem que o fitava neste momento.

— O que você quer? — perguntou ríspidamente.

— Eu gostaria de trabalhar para você — disse Roark calmamente. A voz disse: ‘Eu gostaria de trabalhar para você’. O tom da voz disse: ‘Eu vou trabalhar para você’.

— Vai? — replicou Cameron, sem perceber que respondera à sentença não pronunciada. — Qual é o problema? Nenhum dos colegas maiores e melhores o aceitam?

— Não pedi emprego a nenhum outro.

— Por quê? Acha que este é o lugar mais fácil para começar? Acha que qualquer um pode vir trabalhar aqui sem mais nem menos? Você sabe quem eu sou?

— Sei. É por isso que estou aqui.

— Quem o mandou?

— Ninguém.

— Por que diabos você me escolheria?

— Acho que você sabe por quê.

— Que descaramento infernal o fez presumir que eu o aceitaria? Achou que eu estava tão desesperado que abriria as portas para qualquer vagabundo que me fizesse as honras? ‘O velho Cameron’, você pensou, ‘é um fracassado, um bêbado...’ Vamos, pensou, sim! ‘...um fracassado bêbado que não pode ser exigente!’ Foi isso? Vamos, responda! Responda, seu desgraçado! O que está olhando? Foi isso? Ande, negue!

— Não é necessário.

— Onde já trabalhou?





— Estou apenas começando.

— O que você já fez?

— Estudei três anos no Stanton.

— Ah... O cavalheiro ficou com preguiça de terminar o curso?

— Fui expulso.

— Ótimo! — Cameron esmurrou a mesa com o punho e riu. — Esplêndido! Você não é bom o suficiente para o ninho de pulgas que é Stanton, mas vai trabalhar para Henry Cameron! Resolveu que este é o lugar para o lixo! Por que o chutaram de lá? Bebida? Mulheres? O quê?

— Por causa disto — disse Roark e ofereceu-lhe seus desenhos.

Cameron olhou o primeiro, depois o seguinte, e cada um deles até o último. Roark ouvia o farfalhar dos papéis, conforme Cameron passava uma folha por baixo da outra. Por fim, Cameron ergueu a cabeça.

— Sente-se.

Roark obedeceu. Cameron contemplou-o, seus dedos grossos martelando a pilha de desenhos.

— Então acha que são bons? — disse. — Pois bem, eles são horríveis. É indescritível. É um crime. Olhe — ergueu um desenho bruscamente diante do rosto de Roark —, olhe para isto. Que maldita idéia você teve? O que o possuiu para indentar esta planta aqui? Queria apenas embelezá-la por que tinha que acochambrar alguma coisa? Quem você pensa que é? Guy Francon, que Deus o livre? Olhe para este prédio, seu parvo! Você tem uma idéia como esta e não sabe o que fazer com ela! Tropeça em algo magnífico e tem que estragá-lo! Sabe o quanto tem a aprender?

— Sei. É por isso que estou aqui.

— E olhe para esse outro! Quem me dera ter criado isso na sua idade! Mas por que teve de estragá-lo? Sabe o que eu faria com isso? Olhe, para o diabo com as suas escadarias e para o diabo com a sua sala da caldeira! Quando fizer as fundações...

Cameron falou furiosamente por muito tempo. Esbravejou. Não achou um único esboço que o contentasse. Mas Roark notou que ele falava deles como se fossem prédios em construção.

Interrompeu-se bruscamente e empurrou os desenhos de lado, colocando o punho sobre eles. Perguntou:

— Quando decidiu tornar-se arquiteto?

— Quando eu tinha dez anos.

— As pessoas não sabem o que querem tão cedo na vida, se é que jamais chegam a saber. Você está mentindo.

— Estou?

— Não olhe para mim desse jeito! Não pode olhar para outra coisa? Por que resolveu ser arquiteto?





- Eu não sabia na época. Mas é porque nunca acreditei em Deus.
- Vamos, fale algo que faça sentido.
- Porque amo esta Terra. É só o que amo. Não gosto da forma das coisas na Terra. Quero mudá-las.
- Para quem?
- Para mim mesmo.
- Quantos anos você tem?
- Vinte e dois.
- Onde ouviu tudo isso?
- Não ouvi.
- Ninguém fala assim aos vinte e dois anos. Você é anormal.
- Provavelmente.
- Eu não disse isso como um elogio.
- Nem eu.
- Tem família?
- Não.
- Trabalhou enquanto estudava?
- Sim.
- Em quê?
- Em construções.
- Quanto dinheiro lhe resta?
- Dezessete dólares e trinta centavos.
- Quando chegou a Nova York?
- Ontem.

Cameron olhou para a pilha branca sob seu punho.

– Maldito seja você – disse Cameron, suavemente. – Maldito seja você! – gritou, de repente, inclinando-se para a frente. – Eu não lhe pedi para vir aqui! Não preciso de nenhum desenhista! Não há nada aqui para desenhar! Não tenho trabalho suficiente nem para manter a mim mesmo e aos meus homens fora do Abrigo de Bowery! Não quero nenhum visionário tolo morrendo de fome por aqui! Não quero a responsabilidade. Eu não a pedi. Nunca pensei que veria isso de novo. Para mim acabou. Já havia acabado há muitos anos. Estou perfeitamente satisfeito com os patetas babões que tenho aqui, que nunca fizeram nada de bom e nunca vão fazer, portanto não faz diferença o que acontecerá com eles. É só isso que quero. Por que você teve que aparecer aqui? Você vai se destruir. Sabe disso, não sabe? E eu o ajudarei a fazê-lo. Não quero vê-lo. Não gosto de você. Não gosto da sua cara. Você parece insuportavelmente cheio de si. É impertinente. Tem confiança demais em si mesmo. Vinte anos atrás eu teria socado a sua cara com o maior prazer. Você começa a trabalhar aqui amanhã, às nove horas em ponto.





- Sim — disse Roark, levantando-se.
- Quinze dólares por semana. É só o que posso lhe pagar.
- Sim.
- Você é um maldito tolo. Deveria ter procurado outro. Eu o mato se procurar outro. Qual é o seu nome?
- Howard Roark.
- Se chegar atrasado, está despedido.
- Sim.
- Roark estendeu a mão para pegar seus desenhos.
- Deixe-os aqui! — bradou Cameron. — Agora, saia!

